



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Roberto Carvalho Alves Filho

**A Saúde no corpo do homem: a construção da subjetividade
acerca do corpo masculino na revista MEN'S HEALTH**

Rio de Janeiro

2016

Roberto Carvalho Alves Filho

A Saúde no corpo do homem: a construção da subjetividade acerca do corpo masculino na revista MEN'S HEALTH.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Francisco Romão Ferreira

Co-orientadora: Cristiane Marques Seixas

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C837 Alves Filho, Roberto Carvalho.
A Saúde no corpo do homem: a construção da subjetividade acerca do corpo masculino na revista MEN'S HEALTH / Roberto Carvalho Alves Filho. – 2016.
67 f.

Orientador: Francisco Romão Ferreira
Co-orientadora: Cristiane Marques Seixas
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Nutrição

1. Nutrição – Teses. 2. Corpo – Teses. 3. Periódicos brasileiros – Teses. 4. Saúde – Teses. I. Ferreira, Francisco Romão. II. Seixas, Cristiane Marques. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. IV. Título.

es CDU 613.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Roberto Carvalho Alves Filho

**A Saúde no corpo do homem: a construção da subjetividade acerca do
corpo masculino na revista MEN'S HEALTH**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 2016.

Orientadores:

Prof.º Dr. Francisco Romão Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profª. Dra. Cristiane Marques Seixas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Larissa Escarce Bento Wollz
Centro Universitário Augusto Motta – Centro

Profª. Dra. Fabiana Bom Kraemer
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus filhos Roberto Carvalho Alves Neto e a Sofia Carvalho Alves.

Dedico, também, a todos que tentam conduzir suas vidas com ética e singularidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Roberto Carvalho Alves e Marília Sepulveda Terra Alves pela ajuda, carinho e incentivos permanentes.

A minha esposa, Livia Rangel Alves, pelo apoio e dedicação a nossa família.

As minhas “mães” do coração de vida Maria Helena Lara Vasconcelos (supervisora) e Eliane Segabinazi Moreira (analista).

Ao Instituto de Nutrição e ao Programa de pós-graduação em Alimentação, nutrição e saúde da UERJ, por proporcionar um ambiente de acolhimento e interdisciplinaridade.

A esse grupo maravilhoso que carinhosamente chamamos de NECTAR (Núcleo de estudos sobre alimentação e cultura).

Aos professores Shirley Donizete Prado, Fabiana Bom Kraemer, Maria Claudia Carvalho, Eliane Portes Vargas, Cristiane Marques Seixas e Larissa Escarce Bento Wollz que me nutriram em todos os sentidos e significados da alimentação.

Ao meu orientador Francisco Romão Ferreira ou melhor, Chico, pela paciência, dedicação e seu amor pelo conhecimento e sua transmissão.

Aos amigos nectarianos que foram fundamentais para este momento da minha vida.

Meus sinceros agradecimentos e o imenso orgulho de marcar na minha história o prazer de ser mais um nectariano. Muito obrigado a todos.

Não cabe, temer ou esperar mas buscar novas armas.

Gilles Deleuze

RESUMO

ALVES FILHO, R. C. **A Saúde no corpo do homem**: a construção da subjetividade acerca do corpo masculino na revista MEN'S HEALTH. 2016. 67 f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Neste trabalho analisamos a construção da masculinidade contemporânea através da compreensão dos sentidos e significados dos alimentos e do que é considerado como “saúde” ou “saudável” tendo como referência as capas da revista MEN'S HEALTH. O objetivo do trabalho é perceber como se dá a construção da subjetividade acerca do corpo masculino nesta revista. Ela foi escolhida por ter uma grande circulação e apresentar ao público leigo um conjunto de representações sociais sobre o gênero masculino no olhar do mercado, do senso comum e de especialistas de diferentes formações na área da saúde. Inicialmente, a partir das capas, buscaremos analisar como é formada a ideologia que indica como o homem deve ser e viver. A metodologia de análise será pautada na Análise do Discurso, e os conceitos que fundamentarão o arcabouço teórico serão adotadas, a partir da perspectiva da análise das estratégias discursivas de Michel Foucault. Neste sentido, caminharemos identificando de que homem a revista fala e qual a ideia de saúde preconizada pela mesma. Muitos trabalhos já foram feitos com essa temática para o gênero feminino, mas pouco se fala da saúde do homem, que geralmente é negligenciada e tratada numa perspectiva biologicista e tecnicista, com pouco espaço dado para os aspectos subjetivos e sobre o imaginário, construído em torno da masculinidade. Em geral, quando se fala da saúde do homem, os estereótipos ocupam a cena, pouco se discute sobre a relação do homem com o seu próprio corpo e os estudos sobre o tema são ainda incipientes no Brasil.

Palavras chave: Corpo. Gênero. Alimentação. Masculinidade. Saúde.

ABSTRACT

ALVES FILHO, R. C. **Man's body health**: the construction of subjectivity about the male body in the MEN'S HEALTH magazine. 2016. 67 f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

In this paper we analyzed the construction of contemporary masculinity by comprehending the senses, what is considered food and what they consider "health" or "healthy" using the articles from Men's Health magazine as reference. The objective is to perceive how the construction of subjectivity is in this magazine concerning the male's body. This magazine was chosen because of its wide circulation and because it presents to the lay public a set of social representations of the male gender in the eyes of the market and the common sense of experts from different backgrounds in health care. Initially, from the covers, we will analyze how the ideology, that indicates how the man should be and should live, is formed. The methodology will be based on the "Análise do Discurso" in Eni Orlandi's perspective and the concepts that will guide the theoretical framework will be taken from the Michel Foucault's analysis perspective of the discursive strategies. In this purport we will continuous identifying what type of man the magazine talks about and what health idea is advocated by it. Many papers have been made with this theme to the females, but little is said of the male's health, which is usually neglected and treated in biologicist and technicist perspective, with little space given to the subjective aspects and the imaginary built around the masculinity. In general, when speaking of male's health, stereotypes are seen and very little is discussed about the man's relationship with his own body and also studies on the subject are still incipient in Brazil.

Keywords: Body. Gender. Nourishment. Masculinity. Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	MEN'S HEALTH agosto 2014	40
Figura 2 -	MEN'S HEALTH setembro 2014	41
Figura 3 -	MEN'S HEALTH outubro 2014.....	42
Figura 4 -	MEN'S HEALTH novembro 2014	43
Figura 5 -	MEN'S HEALTH dezembro 2014	44
Figura 6 -	MEN'S HEALTH janeiro 2015	45
Figura 7 -	MEN'S HEALTH fevereiro 2015	46
Figura 8 -	MEN'S HEALTH março 2015	47
Figura 9 -	MEN'S HEALTH abril 2015	48
Figura 10 -	MEN'S HEALTH maio 2015	49
Figura 11 -	MEN'S HEALTH junho 2015	50
Figura 12 -	MEN'S HEALTH julho 2015	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - MEN'S HEALTH agosto 2014	40
Quadro 2 - MEN'S HEALTH setembro 2014	41
Quadro 3 - MEN'S HEALTH outubro 2014	42
Quadro 4 - MEN'S HEALTH novembro 2014	43
Quadro 5 - MEN'S HEALTH dezembro 2014	44
Quadro 5 - MEN'S HEALTH janeiro 2015	45
Quadro 7 - MEN'S HEALTH fevereiro 2015	46
Quadro 8 - MEN'S HEALTH março 2015	47
Quadro 9 - MEN'S HEALTH abril 2015	48
Quadro 10 - MEN'S HEALTH maio 2015	49
Quadro 11 - MEN'S HEALTH junho 2015	50
Quadro 12 - MEN'S HEALTH julho 2015	51

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A ORDEM NORMATIVA DA BIOMEDICINA NO CORPO DO HOMEM	15
1.1	O corpo como conceito	16
1.2	Uma perspectiva histórica do corpo	18
1.3	A construção do corpo masculino.	26
2	A APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO – AS CAPAS	40
3	UM ESBOÇO DE ANÁLISE DO CORPO MASCULINO ACERCA DA ALIMENTAÇÃO NA CAPA DA REVISTA	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Como psicólogo, reconhecemos que a prática em saúde necessita de uma abordagem interdisciplinar. Assim o encontro com o programa de Pós-graduação em alimentação, nutrição e saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro veio renovar o desejo em ampliar e solidificar a busca pela interdisciplinaridade.

A linha de pesquisa que esta dissertação pertence, vem há anos construindo uma singular forma de compreender e trabalhar com alimentação e nutrição. O Núcleo de estudos sobre Cultura e Alimentação, conhecido como NECTAR, caracteriza-se pela busca em alargar as possibilidades de perceber o ato de se alimentar para além dos nutrientes.

Assim, o caminho encontrado para este complexo desafio foi a articulação do campo da Alimentação e Nutrição com as ciências Humanas e Sociais.

Nesta dissertação, percorremos o caminho traçado já há algumas décadas no que diz respeito à inclusão e produção científica que conjuga o campo das ciências sociais e humanas com a nutrição. Esses diálogos, não são fáceis nem simples, inscrevem-se na complexidade de posições na sociedade contemporânea, bem como numa perspectiva contra hegemônica com o modelo atual de ciência cartesiana e positivista. Sendo assim, continuamos a trajetória traçada por alguns pesquisadores que buscam pensar a alimentação e a comensalidade para além dos nutrientes, percebendo a imensa trama de sentidos e significados que portam a comida e a complexidade em jogo nesta analítica.

Esta pesquisa reúne boa parte dos nossos interesses e indagações e este trabalho, pensa a construção da masculinidade contemporânea através da compreensão dos sentidos e significados dos alimentos e do que é considerado como “saúde” ou “saudável” tendo como referência as reportagens contidas nas capas da revista Men’s Health. Neste sentido decidimos estudar a construção da subjetividade masculina através da subjetivação da ideia de saúde vinculada apenas ao corpo anatômico.

A partir das capas, analisamos como é formada a ideologia – aqui entendida em sentido amplo, forma de pensamento social de uma época - que indica como o homem deve ser e viver. Neste sentido caminhamos identificando de que homem a revista fala e qual a ideia de saúde preconizada pela mesma. Muitos trabalhos já

foram feitos com essa temática para o gênero feminino, mas relativamente pouco se fala, em comparação ao universo feminino, da saúde do homem. Essa geralmente é negligenciada e tratada numa perspectiva biologicista e tecnicista, com pouco espaço dado para os aspectos subjetivos e sobre o imaginário construído em torno da masculinidade (GOMES, 2008; 2011).

Quando se fala da saúde do homem, os estereótipos que tentam padronizar a masculinidade como uma única forma de ser homem – um tipo de corpo, uma forma de pensar e se comportar... - ocupam a cena e pouco se discute sobre a relação do homem com o seu próprio corpo. Somente após o surgimento do movimento feminista e da criação de uma epistemologia feminina é que os estudiosos das ciências sociais começaram, nas décadas de 1970 e 1980, a levantar questões e pesquisar sobre o gênero masculino, sendo conhecido com o nome de *Men's Studies* (RIBEIRO, 2013).

No momento, a saúde do homem começa a ser objeto de interesse para a sociedade. Tanto o senso comum, quanto a ciência e a mídia investem, a partir deste período, de forma intensa na masculinidade. Cabe ressaltar que a pesquisa traçou uma crítica a uma forma de fazer e pensar a saúde, não aos cuidados com a mesma, que venha a melhorar a negligência evidenciada pela saúde pública, na pouca procura por serviços de saúde criando assim, uma estratégia chamada, saúde do homem. Tendo a alimentação como um dos principais dispositivos de subjetivação para a obtenção da sonhada saúde perfeita. (GOMES, 2011).

A construção da masculinidade em sua relação com a alimentação, portanto, incorpora inúmeras questões. Temas como distinção social pelo consumo, medicalização do alimento, construção da imagem corporal, os sentidos e significados do alimento, as relações sociais presentes no ato de comer e os modos próprios como os homens lidam com essas questões são temas de interesse geral e bastante relevantes para o campo científico da Alimentação e Nutrição.

O objetivo geral desse trabalho é analisar os códigos de construção do corpo e da identidade masculina no campo da Alimentação e da Nutrição a partir da Revista MEN'S HEALTH. Os objetivos específicos são: apresentar de forma crítica o modo como os homens são abordados nesta revista, perceber a construção da imagem corporal, a transformação da comida em objeto de consumo e distinção social; demonstrar o olhar mecanicista, reducionista e tecnicista de como o corpo

masculino é tratado na revista, reforçando os estereótipos do senso comum, impedindo uma reflexão crítica e podendo gerar agravos à saúde.

O estudo da metodologia foi pautado na análise do discurso relativo ao imaginário masculino presente nas revistas MEN'S HEALTH, da Editora Abril. Foi estabelecido um período de 01 ano e foram analisadas as manchetes que tratam da alimentação na capa de cada publicação. A periodicidade das revistas é mensal e serão analisados doze exemplares. Esta revista, foi escolhida, por ter uma grande circulação e apresentar ao público leigo um conjunto de representações sociais sobre o gênero masculino no olhar do mercado, do senso comum e de especialistas de diferentes formações na área da saúde.

A partir dos enunciados, presentes nas revistas, buscaremos identificar as “formações discursivas” e as “estratégias discursivas” presentes na sociedade (FOUCAULT, 2004), naturalizadas pelo senso comum e utilizadas pelos “especialistas” que representam os interesses dos seus campos de formação, atuação e mercado. Lembrando que todo discurso é político, proferido a partir de uma posição ideológica que permite ou não, autoriza ou não, o sujeito que fala, não existe discurso sem sujeito, fora da língua, do simbólico ou da ideologia (ORLANDI, 2001). Portanto, os discursos “científicos” proferidos por profissionais especializados que tratam da alimentação voltada para o universo masculino não são neutros ou fora das tensões que cercam a questão. Nesta perspectiva, optou-se por destacar em colunas, as categorias que ganharam relevância neste estudo (pois outras pesquisas podem identificar outras possibilidades de forma e conteúdo): narcisismo; corpo máquina; guerra/competição; verbos; adjetivos e metáforas. Posteriormente inserimos nas categorias as palavras contidas nas capas que as identificam.

Logo após os quadros, incluímos as capas na íntegra e um texto abaixo com frases completas retiradas das capas. Essa montagem, tem intuito de auxiliar o leitor na sua análise. A forma de produção do conhecimento da análise do discurso, tem em seu objeto de estudo o discurso, a possibilidade de observar, apreender a relação entre ideologia e linguagem, tendo as pessoas como instrumentos produzidos e produtores de sentidos. “É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”. (ORLANDI, 2001, p. 54) A autora identifica que a análise do discurso é um campo particular do saber, que além de analisar as linguagens escritas e faladas, também entende a imagem como

materialidade discursiva. A imagem faz circular, tal qual as outras formas discursivas, os sentidos e intenções ideológicas. Portanto, essa metodologia, auxilia na análise das capas da revista, pois estas trazem em sua estrutura letras e figuras.

Os discursos que iremos analisar a partir das capas, não se restringem aos enunciados escritos, ou seja, vamos observar também a forma como as matérias e chamadas da capa são apresentadas, os sentidos das palavras em relação às imagens, como as imagens são apresentadas, como acontece a relação com o feminino e o masculino, ou seja, vamos tentar capturar os discursos nos seus diferentes formatos.

Nossa proposta, é conciliar a relação entre a construção da identidade masculina no universo urbano de uma sociedade voltada para o consumo, utilizando o alimento como fio condutor do estudo, e também, analisando a construção da imagem corporal, a medicalização da comida e transformação do corpo em objeto na revista MEN'S HEALTH.

Notamos que o quadro conceitual que fundamenta os discursos publicitários tem referência no discurso científico, ou seja, pega carona no argumento de autoridade da Ciência. Nestas revistas, temos então uma mistura de discurso publicitário, discurso científico, *marketing* de empresas, venda de produtos, bens e serviços, discurso médico especializado e senso comum, enfim, uma miríade de conceitos e discursos prontos para vender algo para o público. Para tal, vamos apresentar o nosso objeto de estudo em estado bruto – essas são as capas que serão analisadas – colocamos as capas para facilitar aos leitores, a observação atenta do modo como se apresentam integralmente.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, trata da construção do corpo e identidade masculina numa perspectiva mais conceitual, apresentando autores e pontos de vista, que julgamos pertinentes para a nossa análise. No segundo capítulo, apresentamos a revista, o perfil do seu público, tiragem, apresentação das matérias, das capas, enfim, faremos uma descrição do nosso objeto de estudo. No terceiro capítulo, perpetraremos a análise do material coletado com a junção do conteúdo, apresentado nas capas da revista a partir do nosso referencial teórico proporcionado nos capítulos anteriores. Em seguida passaremos as considerações finais.

1 A ORDEM NORMATIVA DA BIOMEDICINA NO CORPO DO HOMEM

A partir do final do século XX surge, na mídia brasileira, a ideia de um “novo homem” como modelo a ser seguido, - oposto ao “antigo homem”- e este “modelo, deveria ter mais cuidado com a pele, os cabelos, o vestuário, e afrouxar o estilo ‘machão’” (RIBEIRO; RUSSO; 2014.). Tal empreendimento talvez seja uma tentativa de abrir um novo mercado de consumo de bens, ideias, serviços e produtos junto ao universo masculino que, até então, era bastante conservador em seus hábitos cotidianos, permitindo poucas variações e nuances nos produtos oferecidos.

Os meios de comunicação de massa reforçam esta tendência e, em maio de 2006, a Editora Abril lançou no Brasil a revista MEN’S HEALTH, que tenta modificar o mercado editorial criando uma nova “tendência” para este público e mantendo os assuntos das outras revistas para o público masculino, porém com outra forma de apresentação e também inovando com assuntos “até então reconhecidos como mais próprios às mulheres e aos homossexuais, como sexualidade, cuidado com a saúde e a estética, estilo, moda, comportamento social etc.”(RIBEIRO; RUSSO, 2014.). Numa clara tentativa de ampliar o mercado, os negócios e, conseqüentemente, o “conceito” de homem.

Nessa ótica a revista torna-se um veículo privilegiado no surgimento e manutenção desta masculinidade, pois pretende instituir um novo jeito de ser masculino. Ela quer deixar o “novo homem” mais próximo do universo da indústria cosmética, da medicina estética e da moda, mas sem comprometer o coeficiente de macheza do futuro consumidor. Em suma, quer mudar a aparência, mas sem alterar nada da essência do que consideram legitimamente masculino como virilidade, força e rigidez.

Esse texto tem por objetivo construir a compreensão dos sentidos e significados que compõem o pensamento do editorial da MEN’S HEALTH. Em linhas gerais, a pesquisa identifica o lugar do homem e do corpo masculino na contemporaneidade, evidenciando os sentidos e significados da construção desse corpo em sua relação com os valores dominantes na nossa sociedade e que são expressos nos discursos que são apresentados na revista MEN’S HEALTH constituídos através da alimentação.

Com o intuito de abrir possibilidades, articulamos alguns termos que neste momento apresentam-se como relevantes, tais como corpo, alimentação, masculinidade e saúde. Quanto ao referencial teórico, utilizamos, principalmente, os conceitos de medicalização, corpos dóceis, estratégias discursivas e biopoder entre outros, do pensador francês Michel Foucault e outros autores de relevância para a pesquisa.

1.1 O corpo como conceito

Como introdução, faz-se necessário, um pouco do percurso histórico pelo conceito de corpo. Nesse sentido, falar em conceito, como pensado pelo filósofo francês Gilles Deleuze, o conceito é movimento e está sempre aquém e além do próprio significado, e se constitui de múltiplos atravessamentos em sua gênese, pensamento esse que vem ao encontro do modo como vamos trabalhar os sentidos e significados do corpo na história.

Para Deleuze (1992) não há conceito simples, pois é sempre composto por múltiplos interesses, percepções. Não há conceito isolado, neutro, puro ou inocente. O conceito está sempre em relação com outros conceitos e discursos. Neste sentido, todo conceito é duplo, triplo, múltiplo, composto por partes distintas e, ao se expor, revela suas articulações, seus componentes, suas superposições. Todo conceito então, remete a um problema que lhe dá sentido, um discurso que o orienta, estabelecendo relações de sentido, convergência ou divergência com outros discursos afins ou antagônicos, buscando estabelecer e impor modos de compreensão da realidade, transformando percepções e formulações teóricas em linguagem que será aceita e assimilada pelo senso comum.

O corpo não é apenas a matéria carne e ossos, um mero organismo biológico com seus órgãos e sistemas, pelo contrário, acreditamos que o corpo é construído pela cultura e pelos discursos presentes na sociedade, em uma articulação sócio-histórica ininterrupta e transitória. Neste sentido temos vários corpos dependendo da época e dos discursos que os criaram.

O corpo dos filósofos estóicos gregos, dos pensadores católicos medievais, do humanismo renascentista, da ideia de mecanismo do corpo máquina de

Descartes, do corpo dos afetos de Espinosa, dos enciclopedistas do iluminismo e das teorias evolucionistas de Darwin, decididamente, não são o mesmo corpo. Cada época imprime no corpo a sua marca e no decorrer do trabalho vamos comentar algumas diferentes construções subjetivas acerca do corpo.

O corpo, portanto, pode ser pensado como um conceito, como um constructo do pensamento científico do campo biomédico (CAMARGO Jr, 2005) que coloca nele seus interesses, atualiza seus discursos, seus pontos de vista e sua epistemologia. Desta forma, pensar o corpo é pensar seus conceitos, seus modos de apresentação na cena científica e nos discursos que o constituem nas ciências da saúde. Ao mesmo tempo o corpo é natureza, um organismo biológico, e também é cultura, um conjunto de significados criados segundo interesses específicos dos diferentes atores sociais que produzem discursos sobre o corpo.

O discurso sobre o corpo que aparece nas revistas masculinas traduz conceitos arraigados no senso comum, como também apresenta claramente o interesse de uma racionalidade médica instrumental e tecnicista, além do discurso oportunista e tendencioso da publicidade e do mercado. Tais discursos apresentam concepções, representações e conceitos que ajudam a construir uma determinada fundamentação acerca do corpo, mas reduzindo esse corpo à dimensão biológica e sua inserção na sociedade através do consumo e do culto ao “corpo perfeito”.

Pensar o corpo então significa pensar os diferentes conceitos e discursos que o constituem. O conceito é a base do discurso, é o seu “núcleo duro”, pois ele formula um mundo possível, uma realidade própria construída, um “discurso legítimo”, cientificamente correto. Os conceitos sobre o corpo presentes na revista MEN'S HEALTH se articulam, se relacionam e se conectam a outros conceitos do campo biomédico, da mídia, da publicidade, do universo da indústria cultural, e reproduzem os valores do narcisismo, do hedonismo e do consumismo.

Para Georges Canguilhem (1995 apud MACHADO, 1981), da mesma forma, a ciência é essencialmente discurso, um conjunto de proposições articuladas sistematicamente, mas, além disso, é um tipo específico de discurso: é um discurso que tem a pretensão de verdade. Ainda segundo ele, a ciência não reproduz uma verdade, ela produz a sua verdade, aquela que lhe é mais conveniente. Neste sentido, o corpo não é apenas uma palavra oriunda das ciências biológicas, ele é também um conceito, uma denominação e uma definição. É um termo dotado de um

sentido capaz, de interpretar as observações e experiências dos humanos em suas vidas. (MACHADO, 1981).

1.2 Uma perspectiva histórica do corpo

Ao longo da história, o corpo passou por várias formas e sentidos. Na Grécia foi idealizado, cultivado e cultuado como aporte físico (força) e intelecto (corpo forte, mente boa para os atributos da coletividade a serviço da polis). Com o cristianismo, marcado pelo pecado, o corpo passa a ficar escondido, proibido, apenas visto como a prisão e morada da alma. Na idade média, com a ideologia cristã dominante, o corpo serviu para o trabalho e para mostrar os excessos daqueles que teriam que ser punidos; exemplo: bruxas, feiticeiras.

Já no renascimento, o pensamento científico ganha relevância, os sentidos e símbolos que atravessam o corpo contornam o discurso com característica de verdade mudando e criando “outro corpo”. Nasce um corpo conhecido, mapeado e mecanizado. A metáfora de corpo máquina (DESCARTES, 1998), que com o conhecimento de sua engrenagem, pode ser modificado e consertado. O movimento iluminista do século XVIII vem trazer clareza ao obscuro corpo do século passado, a razão ganha ascensão sobre o corpo e os afetos, passando esse a ser suporte e instrumento de cognição conotando possibilidade de controlá-lo (BARBOSA, 2011).

Concomitantemente o sistema capitalista de produção, que se inicia nesse momento, precisa dos corpos para trabalhar e gerar lucros. Uma sociedade disciplinar ganha condições de exercer seu poder através da subjetivação e disciplinarização do corpo (FOUCAULT, 1987). O poder sobre a vida (biopoderes) ganha destaque e tem como ancoragem o discurso científico possibilitado pela articulação poder-saber. Esses dispositivos normatizadores perpassam todo tecido social/cultural (biopolíticas) na produção de subjetividade em organizações como escolas, hospitais, prisões, transformando-os em corpos dóceis para o trabalho. O corpo ganha status objetivando o controle social e individual, os discursos científicos tornam-se instrumentos para observar, classificar, vigiar e punir.

O poder modifica suas características. Sai da posição centralizadora soberana do monarca para uma estratégia sutil, fluida e ramificada que domina toda

a sociedade, tendo o corpo como veículo. O elemento centralizador aparece nas relações de saber e poder com a ideologia da norma/normal X anormal/patológico (CANGUILHEM, 1995). A luta polarizada entre normal e patológico atravessa todos os campos da sociedade, principalmente o científico.

O campo da Alimentação e Nutrição, assim como os demais campos da saúde, apresenta-se como fértil para a disciplinarização dos corpos no âmbito da saúde. Nesse sentido, esse trabalho problematiza a produção de subjetividade na construção do corpo masculino através da análise do discurso sobre alimentação, veiculado pela revista MEN'S HEALTH.

Conciliamos a relação entre a construção da identidade masculina pelo corpo no universo urbano de uma sociedade, utilizando o alimento como fio condutor do estudo, e também, analisando a construção da imagem corporal, a medicalização da comida e transformação do corpo em objeto pela revista pesquisada.

O paradigma científico dominante, que tem sua origem na teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, nas leis de Kepler sobre as órbitas dos planetas, nas leis de Galileu sobre a queda dos corpos, na grande síntese operada por Newton e embalada por Descartes, é um modelo totalitário que nega um caráter racional a todas as formas de conhecimento que não operem segundo sua lógica, que não se pautem por seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas (SANTOS, 2010).

Ele cria assim uma racionalidade científica que coloca o corpo como objeto, mero instrumento do conhecimento, a mercê de uma racionalidade científica que produz saberes, conceitos e verdades acerca do corpo que, por sua vez, vão se diluir e penetrar no conjunto da sociedade chegando até ao senso comum. Mas esse pensamento, apesar de hegemônico, não constitui unanimidade.

No século XVII, o desenvolvimento da mecânica influenciou o pensamento do filósofo René Descartes que afirma o corpo humano como máquina, bastando saber o defeito para ser concertado. E pensar a saúde seria o equivalente a pensar um mecanismo sujeito às leis da matemática e da mecânica, e a estatística seria o lugar ideal deste tipo de saber. Segundo Scliar (2007, p. 35):

O termo é de origem alemã, *Statistik*, e deriva de *Staat*, estado, o que é bastante significativo, pois o desenvolvimento da estatística coincide com o surgimento de um Estado forte, centralizado. (...) tudo que é verdadeiro pode ser expresso em números.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), esse modelo científico apresenta características marcantes, como: o conhecimento acontece pelo rigor na quantificação e os aspectos qualitativos são descartados; a complexidade é reduzida, devendo-se dividir para conhecer; e a criação de leis regulares que visam prever o futuro do fenômeno. O mundo, e por consequência o corpo, o humano, a alimentação e tudo que faz parte da vida, adquire esta lógica do mundo-máquina de tal modo poderosa, que vai se transformar na grande hipótese universal da época moderna, o mecanicismo (SANTOS, 2010).

Assim essas diretrizes constituem o que hoje denominamos ciência e instituem a racionalidade biomédica na saúde. Segundo Camargo Jr (2005), essa racionalidade é delimitada por: caráter generalizante com validade universal em detrimento da singularidade; caráter mecanicista, causalidades homogêneas que descrevem o mundo todo; caráter analítico que produz um isolamento das partes, que depois juntas demonstram o funcionamento do todo. A lógica racionalista moderna apontada por Boaventura e Kenneth apresenta-se com uma nitidez na ideologia do momento histórico em que vivemos. E comparece categoricamente na intenção do editorial da revista, principalmente na forma de compreender e praticar saúde.

O conceito de saúde como sendo o estado completo de bem-estar físico, mental e social surgiu após a segunda guerra mundial com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Junto a ele, emergiu um modelo de saúde biopsicossocial em contraponto ao modelo biomédico. Enquanto o primeiro considera a pessoa como um todo, o segundo valoriza as partes do organismo caracterizando-se por uma racionalidade reducionista e mecanicista, como aludimos anteriormente.

Acreditamos que a revista MEN'S HEALTH reproduz esse modelo totalitário de ciência. Reforça a ideia de mecanismo surgida na revolução científica moderna e atualiza um certo cientificismo que trata o corpo como máquina a ser consertada pela ciência, conferindo ao discurso científico dos especialistas a chancela da verdade. Reforçando um discurso de autoridade que se coloca acima do senso comum, banaliza a discussão de gênero e reforça os estereótipos de força, vigor, sucesso e competitividade da heteronormatividade.

Hoje deparamos com um paradoxo constitucional em nossa era, valorizando o corpo ao extremo, até o limite de apagá-lo, devido ao conhecimento tecnológico e a

ideologia que vem fracionar, fragmentar inclusive os seus átomos, reforçando a ideologia mecanicista do corpo defeituoso, frágil que necessita ser concertado, subordinando-se o corpo à máquina, tornando-se mercadoria e fetichizado. (Le BRETON, 2013).

Com o pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) aprendemos que a sociedade contemporânea vem perdendo os aportes físicos e ideológicos rígidos de tempos atrás. Vivemos em uma sociedade fluida de medos líquidos, amores líquidos e pessoas sendo transformadas em mercadorias descartáveis, em uma sociedade de consumo, onde a imagem (marca industrial/marca corporal) ganha o sentido individual do sujeito. Nessa perspectiva, o conceito de fetichismo freudiano e de fetichismo da mercadoria em Marx articulam-se.

Marx pensa a mercadoria como produto humano para a troca, com o objetivo econômico de valorizar o capital, transformando o valor concreto em um valor abstrato. Os objetos ganham valores ideologicamente produzidos em um movimento de idealização (fetiche), criando desejos a serem consumidos. Portanto, nessa articulação propomos que o corpo se torne também um objeto de fetiche.

Na sociedade capitalista, os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. A analogia é feita com a religião, na qual as pessoas conferem a alguma entidade um poder imaginário. Só que não são propriedades naturais, são sociais. Constituem forças reais, não controladas pelos seres humanos e que, na verdade, exercem controle sobre eles; são as formas de aparências objetivas das relações econômicas que definem o capitalismo. Se essas formas são tomadas como naturais, isso se deve à não visibilidade imediata de seu conteúdo ou essência social, esses só podendo ser revelados pela análise teórica.

A “reificação”, da mesma forma, é um conceito marxista que define o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornam independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação de seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas.

Poucos conceitos têm tanta relevância na modernidade quanto o de fetichismo, sendo utilizado por vários cientistas e escritores. Foi pensado pela primeira vez por Charles de Bross, escritor francês em 1756, significando “estabelecer os limites precisos entre nossas sociedades esclarecidas e as sociedades primitivas com crenças e superstições”. (SAFATLE, 2010).

Já para Freud, define-se como um substituto do pênis da mulher, da mãe particularmente, que a criança acredita ter e não quer abrir mão dessa crença. O fetichismo vem confirmar o complexo de castração ligado à sexualidade, marcando no psiquismo a diferença entre crença e saber, bem como instituindo o mecanismo de defesa do eu a clivagem (Spaltung). Assim, o fetichismo freudiano denota a dificuldade dos sujeitos em lidar com limites e frustrações, defendendo-se através da relação com pessoas e coisas de forma efêmera e fugaz, marca da ideologia perversa que assim chegariam à felicidade e resolveriam todos seus problemas.

Conforme a segunda tópica freudiana no texto de 1923 “O ego e o id”, Freud (1996) nos ensina que o ego é eminentemente corporal, personificado com uma relação profunda com o corpo e a sociedade. Assim, em uma cultura que valoriza as partes, a aparência e o exterior, a intimidade e os afetos vão perdendo força e desvinculam-se de suas características humanas de incerteza, intensidades, limites e possibilidades. Com a ideologia dominante de valorização do indivíduo em detrimento da coletividade, buscamos no conceito psicanalítico, criado por Sigmund Freud de narcisismo em 1914 (FREUD, 1996) em resposta ao conceito de introversão, do então amigo e psiquiatra Carl Gustav Jung. Freud, baseado no mito de Narciso, evidencia a condição humana de amar sua própria imagem. O sujeito experimenta o seu corpo como objeto de amor.

Aprendemos, com Freud, que ao nascer o humano não se diferencia do mundo. De forma onipotente o bebê experimenta o ambiente como se fosse ele, porém não tem a sensação de unidade corporal. O autor fala que é preciso uma nova ação psíquica para a experiência de unidade e totalidade. Até então o bebê vive pela fragmentação de seu corpo em objetos parciais, e esta ação seria o narcisismo.

O narcisismo vem possibilitar que a libido seja dirigida ao corpo, instituindo a percepção do psicossoma (unidade mente e corpo). Sabemos também que o corpo humano não se reduz ao biológico, e a construção freudiana da experiência psíquica aponta para a superação da dualidade corpo-mente, na medida em que desfaz a

separação entre psiquismo e corpo. Para Freud, o Eu é uma extensão da superfície corpórea, sua constituição está diretamente ligada à corporeidade.

Segundo ele, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam na superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar as superfícies do aparelho mental (FREUD, 1996). Os processos fisiológicos são a condição de possibilidade dos processos psíquicos, são “concomitantes dependentes”. Na perspectiva freudiana, o humano se funda, de um lado, na ordem da linguagem, constituindo o corpo como corpo simbólico, e, de outro, na ordem da pulsão, portanto, na ordem do corpo. Das experiências corporais arcaicas surgem as primeiras marcas que vão possibilitar a constituição do processo de subjetivação que vai acompanhar o sujeito em sua relação com o mundo.

A passagem do corpo biológico para o corpo erógeno é marcada pela experiência de satisfação e tensão da significação afetiva dada por um outro, a mãe, marcando o corpo para toda a vida por meio dessas relações intersubjetivas. Sendo assim, há uma complacência entre as necessidades biológicas e o psíquico, numa relação auto-poética cujos limites nem sempre se apresentam de forma clara. Este dualismo pulsional prazer-desprazer é marcado pela relação estabelecida entre o biológico e o psíquico, mediado também, pela cultura da qual o sujeito está inserido. A complexidade humana se apresenta como um fenômeno intra e intersubjetivo, no qual o corpo e o inconsciente, o biológico e o psíquico, o individual e o social, a natureza e a cultura se mesclam. Mas o ponto de partida é o corpo.

Importante ressaltar que a via aberta por Freud mostra a relevante e primitiva relação mente e corpo. Esse corpo que a princípio mostra-se fragmentado para, em um momento posterior, ganhar unidade. A experiência de fragmentação, no entanto, não se apaga e torna-se estratégia do saber biomédico na forma com que apreende e intervém em partes do corpo como tática hegemônica do biopoder com suas tecnologias de poder.

Essas tecnologias têm como base a intervenção no objeto corpo individual e coletivo (população) considerando-o como uma máquina, e ao mesmo tempo uma biopolítica do corpo-espécie:

Biopolítica a maneira pela qual, a partir do século XVIII, se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes enquanto população:

saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça”. (FOUCAULT, 2002 apud CASTRO, 2009, p. 60-61).

Percebemos que esses temas nascedouros na biopolítica do século XVIII são temas recorrentes nos discursos da revista, baseados em especialistas que reproduzem a subjetivação da relação saber-poder instituindo um homem ideal. Ideal este, que também encontramos na teoria intrapsíquica freudiana como consequência do narcisismo, que seria uma busca em suprir os desejos idealizados de uma outra pessoa que nos criou, constituindo o ideal de ego. Ideal este que nos cobra, a todo momento, uma busca quimérica por cumprir suas ordens muitas vezes fantasiosa.

Christopher Lasch (1983) aparece como um autor que colabora com nossa argumentação quando utiliza o narcisismo para pensar a sociedade. Criando o conceito “A Cultura do Narcisismo” argumenta que teremos um perfil cultural próximo a psicopatologia das neuroses narcísicas, psicoses e esquizofrenia. Concebe que as pessoas apresentam sintomas como falta de sentido na vida, dificuldades em se relacionar e sentimento de vazio interior. O resultado culmina em egos grandiosos, porém fracos, e extrema preocupação com interesses pessoais. (LASH, 1983).

O homem não tendo mais as certezas de décadas atrás, com uma ansiedade galopante devido à velocidade do mundo contemporâneo, e vivendo com medo, acaba acionando defesas psíquicas primitivas para sobreviver, configurando a cultura do narcisismo. Cotejando com os autores citados acima, percebemos a estratégia midiática em trabalhar diretamente a construção da pessoa e do corpo, valorizando, via discursos o narciso de todos e de cada um. A mídia amplia e reforça a insatisfação humana, colocando em seus interesses um verdadeiro ideal a ser alcançado. Este ideal apresenta-se em um discurso que porta sentido de facilidade, rapidez e acessibilidade. E está diretamente vinculado ao corpo como o principal atributo para vencer na vida.

Percebemos, que a mídia investe de forma paradoxal. Por um lado, fere narcisicamente quando afirma a fragilidade humana, e, por outro, inflama narcisicamente denotando que só depende de si mesmo para chegar à perfeição. O individualismo é exacerbado e se torna a principal referência de mundo, tornando a sociedade um conglomerado de indivíduos autônomos e esvaziados de sua força política coletiva.

A sociedade do espetáculo (DEBORD, 2013) coloca as imagens como mediadoras privilegiadas dos objetos (mercadoria) e as pessoas com suas verdades e soluções, transformando os indivíduos em reprodutores acríticos de suas ideologias sedutoras. Esse processo contínuo caracteriza-se pela ocupação de todas as dimensões da vida pela mercadoria. Tudo e todos entram em uma dinâmica de fetichização. O corpo, a masculinidade e o alimento, que são os objetos desta pesquisa, configuram-se como os maiores veículos subjetivadores da revista.

Nessa pesquisa evidenciamos a complexidade da relação construída na relação do consumo de alimentos com a construção do corpo como um modo fundamental de pensarmos a produção subjetiva na atualidade. Para nós, o capitalismo é uma máquina de produção de sentidos que engendra papéis, desejos, pontos de vista, corporalidades e padrões estéticos variados, utilizando-se de comportamentos que tanto se prestam à submissão como à libertação.

Essa forma de produção de subjetividade não só atua individualmente emitindo estímulos diretamente ao inconsciente, produzindo indivíduos normalizados, submetidos a um sistema hierárquico de valores e expostos à submissão, como também atua na produção de uma subjetividade social, que se manifesta na produção e no consumo, produzindo inclusive nossos sonhos, nossas paixões, nossos desejos, referências de mundo e projetos de vida.

O conjunto dos discursos acerca do corpo constituem, então, um corpo teórico e, neste sentido, uma teoria é constituída por um feixe de conceitos, ou melhor, por um conjunto coerente de conceitos, por um sistema conceitual. E, neste sistema, enquanto o conceito assinala a existência de uma questão, a formulação de um problema, a teoria apresenta determinada resposta, sugere uma solução. As teorias e conceitos que aparecem nas revistas, os discursos dos profissionais especializados e os consensos sugeridos pelo senso comum e apropriados pela linguagem jornalística e publicitária são então estratégias, são modos articulados de pensar segundo interesses distintos.

Ainda segundo Canguilhem (1995), citado por Roberto Machado (1981), cada ciência é um objeto específico, um objeto discursivo, que tem suas características, seus critérios, sua historicidade. E a história epistemológica se realiza através de uma inter-relação conceitual: relação de um conceito com outros conceitos de uma mesma teoria, da mesma ciência, ou mesmo de outras ciências diferentes. A história conceitual deve reconstituir a síntese em que o conceito se encontra inserido, isto é,

tanto o contexto conceitual quanto a intenção diretriz das experiências ou observações (MACHADO, 1981).

Para Foucault (2001), da mesma forma, o corpo é atravessado por discursos, saberes, conceitos e teorias que o esquadriham e o enquadram num processo de fossilização dos corpos e, simultaneamente, esvaziamento da sua singularidade e potencialidade política. Cabe lembrar também que o corpo configura-se como a primeira morada do indivíduo, mas a sua compreensão não deve ser reduzida apenas à perspectiva biológica ou individualizada. Quando este se vê como sujeito, o corpo é o intermediário, o que está “entre” o mundo externo e o interno. Deste modo, percebe-se a importância do corpo para o indivíduo e a sociedade, surgindo aí as tensões que se estabelecem nessas relações.

Atualmente, podemos perceber o corpo capturado pela lógica do narcisismo, do hedonismo e do consumismo da fase atual do capitalismo globalizado. O corpo de hoje é obsoleto e mecânico. Assim como as máquinas, está sempre precisando de reparos para melhorar seu desempenho. Sempre apoiado em discursos ditos científicos que legitimam os interesses em jogo. Portanto, perceber a construção dos discursos acerca do universo masculino em sua relação com a saúde e a alimentação, percebendo também as estratégias discursivas e os interesses dos agentes do discurso biomédico em relação com a publicidade é fundamental para compreender o *modus operandi* das formações discursivas que envolvem o corpo a saúde e o masculino.

1.3 A construção do corpo masculino.

Existem muitos estudos acerca da imagem corporal feminina e relativamente poucos estudos abordam a imagem corporal e os cuidados em saúde voltados para o universo masculino (GOMES, 2011). A alimentação é um componente fundamental neste processo de construção biotecnocientífica do corpo (Le BRETON, 2013) e, cada vez mais, o público masculino se vê assediado pelos meios de comunicação de massa, pelo discurso dos especialistas e fornecedores de serviços, produtos, medicamentos e alimentos que proporcionam “uma melhor *performance* para a máquina”.

O mercado já percebeu esta lacuna, e o direcionamento das revistas voltadas para o público masculino trabalha insistentemente no sentido de produzir “um novo homem”. Que se adapte à lógica do consumo descartável de bens, produtos, equipamentos e serviços voltados para a construção do corpo, a construção de uma estética “metrossexual” e o que se chama de cuidados com a saúde, que na verdade não passa de cuidado com a forma. O que é visto como saúde, na verdade é apenas uma perspectiva ligada à medicina estética, à primazia da forma sobre o conteúdo, que nós chamaremos aqui de “estetização da saúde”. Entendida, aqui, como a valorização de parâmetros estéticos como definidores das condições de saúde (FERREIRA, 2010).

Este processo de estetização da saúde (FERREIRA, 2010) aponta para o papel do corpo no meio social e para o processo de construção da identidade na sociedade atual que atua na estruturação de uma nova percepção corporal. Nesse sentido, os cuidados com o corpo e com a “aparência”, o crescimento dos mercados relativos às transformações corporais de natureza estética, a popularização das cirurgias plásticas e os problemas ocorridos neste setor colocam a estetização da saúde e as tentativas de metamorfose corporal, (por meio de cirurgias, implantes, próteses, tratamentos, medicamentos, práticas esportivas, marcas corporais etc.) como novas questões de Saúde Pública a serem discutidas e enfrentadas.

A variedade de alterações corporais (corretivas ou estéticas) às quais o corpo está sujeito hoje, a ampliação do mercado ligado ao culto ao corpo e à sua transformação e a valorização de parâmetros estéticos, como definidores das condições de saúde e da concepção do que venha a ser “saudável”, nos colocam diante de diferentes questões na área da saúde que suscitam novas formas de entendimento.

Em nossa sociedade, essa construção de discursos sobre o corpo se dá a partir de estratégias discursivas diversas e por meio de diferentes atores sociais. Tais discursos se manifestam de várias formas e interagem com o conjunto da sociedade, ao mesmo tempo influenciando e sendo influenciada pelos fluxos de informação e de interesses.

Podemos pensar então como uma revista como a MEN’S HEALTH atua na produção de sentidos em todos os níveis, desde a ciência de ponta até o senso comum, passando pelos profissionais de saúde, os meios de comunicação de massa, as instituições, o saber científico, as estratégias de divulgação científica, o

mercado editorial, a publicidade, os discursos dos especialistas, os cirurgiões plásticos, os nutricionistas, os profissionais da medicina estética e da cosmética.

Podemos então observar uma profusão de discursos e sentidos criados que se mesclam à ideologia dominante, se confundem com os valores sociais e morais hegemônicos e colocam o corpo, ao mesmo tempo, como objeto fetiche, meio de ascensão social, máquina produtiva, organismo vital, meio de elevação, êxtase, bem-estar, prazer ou fonte da eterna juventude.

Trata-se de uma rede (nem sempre sutil) de discursos, saberes, sentidos, dicas, informações, valores, estratégias e soluções mágicas que atuam na superfície dos corpos, mas se recusam a habitá-los. São utilizados sem reflexão, sem crítica. Fazem com que discursos oriundos de alguns setores específicos se naturalizem, produzam sentidos e verdades, normatizem a vida, reproduzindo uma racionalidade que distancia o sujeito de seu próprio corpo. (FERREIRA, 2011).

Os cuidados com o corpo refletem tanto a produção social de sentidos e as formas de distinção social decorrentes do *habitus* de classe. O *habitus* é um conceito central na sociologia de Bourdieu. Ele estrutura a compreensão da sociedade e fornece a articulação entre o individual e o coletivo. Através da socialização são incorporados os *habitus* de classe, que produzem a filiação de classe dos indivíduos reproduzindo ao mesmo tempo a classe enquanto grupo que compartilha os mesmos *habitus*.

Segundo Ferreira (2011), o corpo masculino tornou-se também um capital. Ele é uma moeda que participa da economia do mercado das trocas afetivas, sexuais, conjugais, profissionais e até existenciais. Ele é condição necessária para o alpinismo social, a felicidade e o reconhecimento social. O corpo ocupa, assim, um lugar de destaque no processo de diferenciação progressiva e hierarquizada da vida social. Ele é uma forma de capital que define e é definido pelo meio social. Através dele se produzem novos códigos e se reproduzem antigos códigos de valorização e status. Suas possibilidades estéticas permitem transitar por diferentes posições na hierarquia social, alterando e definindo trajetórias afetivas, pessoais, profissionais ou sociais, criando novos espaços na ordem social, produzindo novas formas de distinção social. O corpo trabalhado possui *status* próprio, como se ele não dependesse da hierarquia, embora na verdade apenas reforce as novas formas de hierarquia. (FERREIRA, 2011).

Retornando a Bauman, em um contexto de modernidade líquida, as pessoas vão adquirindo a característica de serem descartáveis e obsoletas, tendo no corpo o lugar da luta ambivalente entre o viver e morrer. Sendo assim, o “próprio corpo se transformou em objeto para a tecnologia” (BAUMAN, 2011, p. 229). O corpo ganha *status* de privado, tendo a própria pessoa como seu dono, administrador e supervisor. O processo de industrialização que perpassa todo o tecido social, também investe sua ideologia no corpo.

A revista estudada responde a esta lógica dominante, que articula consumo, alimento, narcisismo, saúde, máquina e masculino. Segundo Bauman, o iniciador da sociologia do corpo Bryan S Tuner diz que a cultura moderna desenvolveu as potencialidades do corpo, principalmente do trabalhador da indústria e do soldado. A revista tem nestes dois personagens ancoragens para seus discursos. A todo momento, encontramos palavras que indicam o corpo como uma máquina industrial e o homem como um soldado sempre pronto para a batalha ou labor.

Este homem, segundo Connell (2013), incorpora traços da masculinidade hegemônica conceito criado pelo autor; primeiramente devido a uma pesquisa de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas. Esse estudo ofereceu constatações práticas de várias hierarquias de gênero e classe, bem como a comprovação de atividades constitutivas de gênero. A ideia de hegemonia, segundo o autor, não é sinônimo de única, mas sim normativa. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. (CONNELL, 2013).

Na revista, encontramos sem esforço esta subordinação das mulheres nas imagens menores na capa, bem como nos textos e matérias que colocam a mulher como objeto passivo ante aos desejos masculinos, beirando a misoginia. Retiram a posição de sujeito das mulheres, devido a forma corporal e ideológica que o homem é retratado. O alimento ganha extrema relevância na produção deste ser macho. Matérias que preconizam no alimento a *performance* principalmente sexual, que colocariam as mulheres passivas e reféns deste homem.

Os estudos de gênero mostram seu início no movimento feminista, que respondiam a inquietações de pessoas que gostariam de serem tratadas em suas singularidades, e não subordinadas a normas rígidas de pensamento e conduta. Encontramos muitos exemplos da “ditadura da beleza” em relação às mulheres, e

até que elas sofreriam mais que os homens. Porém, recorreremos aos estudos foucaultianos, demonstrando que segundo o autor, essa subjetivação de beleza já era encontrada nos Gregos e Romanos antes de Cristo, nos primeiros séculos da nossa era, e também apropriada pelo cristianismo de forma particular.

Foucault recorre a Platão, no texto Alcibiades, para propor a construção genealógica do cuidado de si, feito pela técnica de si, que localizamos, com muita clareza, na revista pesquisada. A subjetivação da revista pesquisada recai diretamente sobre o corpo respaldado no ideal de masculinidade que denotam virilidade, força e *status* social. A concepção de cuidado de si estudada por Foucault na antiguidade, também inscreve nas prerrogativas da masculinidade. Porém, com o passar do tempo, foi se deslocando, se transformando de um cuidado global e singular do ser para um cuidado fragmentado, serializado e descontextualizado das relações ético morais para relações de consumo com coisa e pessoas.

A revista, em suas manchetes ou matérias, indica a extrema vinculação do cuidado de si com a cultura do narcisismo em Lasch; da sociedade do espetáculo de Debord; e a sociedade líquida-consumista com Bauman. O autor reforça a vinculação da técnica de si greco-romana com a coletividade, no intuito de uma governabilidade de si e dos outros, positiva e altruísta. Na atualidade percebemos no objeto de pesquisa essa vinculação, entretanto de modo reciclado, transformado em um cuidado de si para benefício próprio.

Hoje a conexão acontece evidenciando a pessoa como o único beneficiado pelo cuidado destinado a si, tendo, nos outros, apenas objetos para obterem proveito próprio. Esse movimento de sentido, no cuidado de si, deve-se a três momentos: cuidado de si como regra aplicada a todos; como finalidade em si mesmo; não mais apenas como conhecimento de si.

Segundo Foucault, entre os gregos, a preocupação estética com o corpo assume uma dimensão bem mais ampla do que a pensada nos dias atuais em nossa sociedade. Para os gregos, cuidar de si é também o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse efetivamente obedecer ao princípio da racionalidade moral. O cuidado de si mesmo, a *epiméleiaheautoû*, é uma questão fundamental na relação entre o sujeito, a verdade e os valores sociais. Posteriormente, este preceito do cuidado de si foi sendo esquecido e desqualificado em nome de um outro conceito, “conhece-te a ti mesmo”, *gnôthiseauton*, que teria entre as suas propriedades, a de conduzir à verdade, e esse encontro com a

verdade não aconteceria sem uma transformação ou conversão do sujeito.

A preocupação com o corpo transcende o cuidado individual, se inscreve no interior de um projeto político e pedagógico, torna-se uma função que abarca toda a existência individual em sua relação com a vida social. Presente em diferentes exercícios, práticas filosóficas ou espirituais, o cuidado de si aparece como forma de “ocupar-se consigo mesmo”, “recolher-se em si”, “ter cuidados consigo”, “retirar-se em si mesmo”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer na companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como em uma fortaleza”, “cuidar-se”, “respeitar-se’ etc. (FOUCAULT, 2006).

Ocupar-se consigo denota a capacidade de se auto governar para poder agir com relação ao outro, ou então, governar os outros. A purificação é o caminho para a verdade e, para tal, a alma deve estar em sintonia com o corpo.

Para Platão, é preciso ocupar-se com a própria alma, pois o corpo é apenas um instrumento a serviço dela. A alma é um elemento que se serve do corpo, pois o próprio corpo não pode se servir de si. Quem articula as ações corporais, instrumentais e a linguagem é a alma. Portanto, ela não é prisioneira do corpo, muito ao contrário. Mas para exercer esse controle e para ocupar-se consigo é preciso se conhecer e aprender a se controlar. Neste sentido, o cuidado de si, os cuidados com o corpo, com as causas de um adoecimento, com os cuidados médicos, com a dieta, com os prazeres ou com a construção do sujeito se confundem, fazendo com que a dietética, aliada à econômica e à erótica, estejam entrelaçadas na constituição do sujeito. Cada uma dessas dimensões atua em seu campo de ação e aponta para os riscos, prazeres e perigos do *afrodisia* (atos, gestos, contatos que proporcionam uma certa forma de prazer). Elas se constituem nos três grandes eixos dos cuidados de si que podem levar ao conhecimento e ao controle de si: economia, dietética e a erótica.

O eixo econômico trata dos cuidados com: a casa, a propriedade, as obrigações conjugais e sociais, a justiça, o cuidado e o respeito com o outro, os deveres privados do pai de família, do marido, do filho, do proprietário ou do senhor de escravos, ou seja, é colocada a questão da relação entre o cuidado de si e a atividade social. A dietética, em seguida, trata da dieta, do regime alimentar, dos prazeres não apenas com a comida como também com a bebida ou com os excessos. Por fim, a erótica cuida dos apetites, dos jogos amorosos e do controle dos prazeres. Ela propõe uma reflexão acerca das regras de comportamento, dos

tipos de atitude com relação aos parceiros e consigo mesmo, julga as maneiras de fazer, os jogos de aproximação e sedução, o *status* dos parceiros, os códigos a serem respeitados, os atos proibidos e permitidos, as maneiras de ser, de se conduzir, os limites físicos do outro ou de si, analisa a questão da superioridade, enfim, ela avalia os cuidados consigo mesmo e o controle de si. Desta forma, as dimensões dietética, econômica e erótica tornar-se-ão as formas capitais do cuidado de si e do regime geral da existência do corpo e da alma.

O corpo está no cruzamento, na interseção entre essas artes de conduzir a existência, fazendo com que pensar a alimentação, os exercícios físicos, a dieta, as relações amorosas, conjugais e sociais, se deem em um mesmo quadro de referência. Perpassado pela autoridade, por um código de conduta rigoroso e obrigatório, mas ao mesmo tempo com a liberdade de cada um de estabelecer seus limites, suas medidas e a direção de seus afetos. Essa ética que relaciona as relações complexas entre o amor, a renúncia aos prazeres, o acesso à verdade, conciliando dietética, econômica e erótica, criam um arranjo singular entre a conduta moral, a vida pública e os cuidados com o corpo. Ou seja, a ética e a estética da existência, vinculadas à política e ao pensamento da vida social.

Da mesma maneira que o corpo figura nas relações sociais, carregado o simbolismo que lhe é agregado, o corpo também é objeto de poder. Segundo Foucault, o poder disciplinar que se delineou a partir do final do século XVIII foi um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo, pois serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos individuais no aparato produtivo e para ajustá-lo, transformando-o em instrumento útil aos interesses econômicos. Aos dispositivos disciplinares articulava-se um Biopoder que visava controlar o corpo social que, dirigindo-se ampla e irrestritamente à espécie humana, escrutina todo fenômeno que subtrai sua força, não somente pelos dispositivos disciplinares que visam normalizar, por meio de técnicas de individuação, comportamentos e condutas individuais, mas também por uma biopolítica disseminada na trama de instituições que se empenha em analisar dados populacionais, construindo estatísticas e parâmetros para o controle dos processos sociais. (FOUCAULT, 2008).

Nesse sentido, o cuidado de si deixa de ser uma atividade de liberdade do ser diante de uma multiplicidade de sentidos para uma forma padronizada e fragmentada de cuidado com a saúde/corpo, devido a uma racionalidade biomédica

que restringe a amplitude do processo saúde-doença no corpo apenas, ou pior, em uma parte dele, ou em um alimento que respondesse aos ideais veiculados.

Essa racionalidade, atravessa outras dimensões da vida e passa pela alimentação. A todo o momento, a revista afirma que determinado alimento possibilita mais força, virilidade, potência e longevidade. O alimento não é apenas um reservatório de nutrientes, ele está repleto de sentidos e significados que comunicam sobre a cultura da qual estão inseridas. O ato de comer, alimentar e nutrir não são sinônimos, eles ganham singularidades conceituais descritos devido às transformações do campo científico da alimentação e nutrição. (CARVALHO, 2011).

A dietética compõe as técnicas de si, reflete a força de subjetivação do biopoder. A articulação do alimento e saúde do homem carrega sentidos do ideal de masculinidade da atualidade. Como vimos anteriormente, o “novo homem” mantém características da masculinidade hegemônica, mas também transita por alimentos, discursos e práticas que poderiam ser vistas como femininas. Assim, o alimento não convém só para comer. Ele comunica e produz desejo, “os alimentos assumem significados e dão sentido às nossas ações cotidianas” (CARVALHO, 2011). Os hábitos alimentares são primordiais para descrever uma cultura e a comida:

É uma categoria nucleante e hábitos são textos. Quando se classificam alimentos, classificam-se pessoas, notadamente os gêneros homem e mulher, pois, se o alimento é percebido em sua relação com o corpo individual, este é uma metáfora do corpo social. (WOORTMANN, 2006, p. 32).

Pensar a constituição do corpo na atualidade é destaque em muitos campos científicos com produções relevantes, porém estudar a construção do corpo masculino através da alimentação denota uma ceara pouco explorada. (SANTOS, 2008)

E importante ressaltar que a comida participa da construção do corpo não só do ponto de vista da sua materialidade como também nos aspectos culturais e simbólicos. O alimento se diferencia de outras formas de consumo porque ele é literalmente incorporado, atravessando as fronteiras do *self*. (SANTOS, 2008, p. 23).

Assim o alimento participa de forma categórica na composição do corpo e da identidade masculina, instituindo no alimento atributos além dos domínios da

biologia. O alimento enquanto marca de identidade, repleto de sentidos e significados na sociedade e na cultura em suas práticas alimentares, baliza esse estudo relacionado aos homens.

Neste momento buscamos a autora Judith Butler para nos ajudar na argumentação. Ela engendra a ideia plural nas concepções de gênero para além de dois sexos. Sair dessa dicotomia que denota a não centralização na heteronormatividade possibilita outras formas de subjetividades. Para Butler, gênero é uma ficção “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais exibida em qualquer conjuntura considerada” (BUTLER, 2003, p. 37).

Butler abre caminho fértil para repensar a feminilidade e a masculinidade, como uma construção social:

O gênero é uma construção social tributária da forma como o poder atua produzindo e regulando os corpos em conformidade com a ideologia vigente na sociedade. É, antes de mais nada, uma ficção, um modelo de constituição subjetiva e conduta social produzido culturalmente e que se torna distintivo do humano. Assim, a cultura insere nos corpos essa marca, produzindo a ficção de uma identidade estável e coerente. Neste sentido, a estabilidade e coerência do gênero são ilusões sustentadas socialmente e que tornam mais eficaz a regulação cultural dos corpos. (BUTLER, 2003).

A autora, nas trilhas da genealogia de Nietzsche e Foucault pensa que na raiz da identidade se inscreve o gênero que “é formador identitário pelo fato de o sujeito ser educado em concordância com o sexo que lhe é atribuído no nascimento ou mesmo antes (...) o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina’ é respondida”. (BUTLER, 2003, p. 162).

A identidade é formada por convenções imperativas da sociedade que são internalizadas, colocando as concepções genéticas ou essencialmente psicológicas em suspeição. Se dizer mulher ou homem, é um processo complexo de imitações que não garantem uma identidade estável, já que “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (BUTLER, 2003, p. 48). Há repetição constante e exaustiva da norma através do efeito do poder pelos discursos que nomeiam os gêneros. A performatividade não é uma simples aprendizagem. Ela materializa-se na referência do que importa para a norma vigente.

Com seu pensamento ancorado em Foucault, Butler problematiza a imbricação do discurso, poder, corpo e gênero. Esclarece que o corpo não é reduzido à linguagem, mas afirma sua complexa vinculação. Ao evidenciar a aceitação de uns, a autora denuncia que tantos outros são excluídos e que na vida sofrem de violências das mais diversas formas, físicas e psicológicas.

Continuando a proposta articular, na teoria butleriana, encontramos a indicação da norma a ser seguida, como uma imposição violenta que causa problemas para aqueles que não a seguem. Freud, quando tenta pensar as dificuldades nas relações humanas, cria o conceito de narcisismo das pequenas diferenças em seu texto *O mal-estar na civilização* (1929[1930]), no intuito de mostrar a péssima relação do sujeito com o diferente. Freud mostra que seria no detalhe das diferenças que se evidencia a sensação de pertencimento ou não, culminando no direcionamento das pulsões agressivas para com as minorias.

Neste sentido certas subjetividades são exaltadas e outras repudiadas. As personalidades narcísicas ficam cada vez mais presas em suas certezas absolutistas e deixam a possibilidade de ampliar suas possibilidades embotadas. As perguntas que ficam são: como um sujeito absolutista centrado em si mesmo, pode conviver com outros de uma forma ética?; como chegaremos a uma sociedade mais saudável?

O narcisista, devido ao seu restrito olhar, não adquire a força psíquica para o encontro com os desiguais sem a sensação de estar se perdendo. Torna-se necessário o contato apenas com o familiar. Nessa linha, os discursos radicais aumentam e vêm embutidos de verdades absolutas naturalizadas, que tentam restringir as experimentações subjetivas. Percebemos que boa parte da história sobre gênero foi feita devido a polarizações, que tentam sua afirmação através da negativa de características do outro polo.

A autora Judith Butler ajuda a pensar as questões de gênero, ao desvincular, a distinção sexual, apenas das características anatômicas para a ideia de performatividade como ato na constituição do gênero, do corpo e normas para vida. Nesta perspectiva da autora evidenciamos, assim como Santos (2008), a efetiva construção da ação linguística que produz masculinidade, saúde e corpo. Ao mesmo tempo em que se produz uma ideia de novo homem, se reproduz uma subjetividade tipicamente masculina, que reporta ao lugar de dominação sobre o feminino, o imaginário do corpo como uma máquina (DESCARTES, 1998; LE BRETON, 2013), o

narcisismo como constituição psíquica e socialmente como cultura do narcisismo e sociedade do espetáculo (FREUD, 1996; LASCH, 1983; DEBORD, 2013).

Como estratégias operacionais para a inclusão neste novo mercado de consumo, destacamos a medicalização (CONRAD, 2007) e as estratégias de biopoder que mantém os corpos fortes e dóceis, sempre sustentados pelo discurso científico (FOUCAULT, 2001). A partir destes autores desvendamos esse lugar que o masculino ocupa - ou que foi reservado para ele - na publicidade e na mídia impressa. (MENEZES, 2013).

Utilizamos conceitos e teorias oriundas das ciências humanas para esta análise, como o biopoder de Michel Foucault e fragmentação do corpo de David Le Breton, na tentativa de compreender o processo de naturalização que impulsiona as pessoas a consumirem produtos quase que automaticamente, sem que se pense se tais produtos seriam ou não saudáveis.

Marcel Mauss (2003), no seu famoso texto “As técnicas do corpo”, afirma que a cultura modela o corpo em suas diversas maneiras de andar, falar, gesticular, pular, saltar, dançar, rezar, dormir, sentar, rir, ficar de pé, colocar as mãos em repouso, ver, nascer e morrer, ou seja, a sociedade modela o corpo do indivíduo. Por outro lado, as regras, normas de conduta e convenções sociais ajustam o sujeito aos valores morais e estéticos dominantes, criando modos de distinção de classe, jogos de aparência, modos de sedução e erotização, acessórios para o consumo, roupas da moda, formas corporais, marcas de distinção social (BOURDIEU, 2008), modos (e modas) ligadas ao entretenimento físico, lazer, prazer, sexo. A cultura é uma segunda natureza que modela o corpo e nele inscreve seus códigos e valores (CHAUÍ, 2000).

No conceito de governamentalidade, pensado por Foucault (2003), aprende-se que relações de saber – poder seriam as bases para tal produção subjetiva. Os discursos dos especialistas formados no campo da Nutrição entre outros, em geral, funcionam como argumentos de autoridade que legitimam o discurso biomédico hegemônico. As concepções de alimento e os argumentos utilizados por tais especialistas poderiam gerar desejos para consumir alimentos que permitem ao leitor alcançar os ideais estereotipados que naturalizam e restringem a saúde e limitam a própria amplitude da experiência humana, anulando assim a singularidade tão importante para a complexidade no ato do consumo de ingerir alimentos.

Quando Foucault nos apresenta o conceito de governamentalidade, está dando continuidade ao caminho aberto por ele para pensar o poder de forma mais ampla e suas intrínsecas relações com o saber. O autor analisa a prática do poder soberano do rei sendo exercido sobre a morte, deixo viver ou mato, para uma forma de poder sobre a vida, sutil, disseminado e ramificado que sai da mão de um homem para efetivar-se em todo o tecido social através das instituições disciplinares como a família, escola, hospital, prisão dentre outras.

Segundo o autor o que interessa é que o poder vai agir diretamente na existência do homem politicamente vivente, “quando a vida biologicamente considerada converte-se no verdadeiro objeto do governo” (CASTRO, 2009, p. 189). Neste sentido, o objeto concreto para esta subjetivação torna-se o corpo social e o individual, a vida em todas as suas dimensões.

Com relação à sociedade, Foucault pensa na medicalização do social como um processo amplo de normalização da população e do indivíduo, como o exercício moderno do poder, “medicalização faz referência a esse processo que se caracteriza pela função política da medicina e pela extensão indefinida e sem limites da intervenção do saber médico”. (CASTRO, 2009, p. 299). A articulação entre o poder-saber, indivíduo e sociedade, e normal e patológico inscrevem-se como as táticas tecnológicas dos processos de subjetivação.

A subjetivação para o autor, mostra-se em dois sentidos, um amplo e social para dar conta da normatização populacional, e outro restrito que diz respeito ao sujeito, ressaltando que ambos os processos atuam integrados. “Não é, pois, o poder, mas o sujeito o que constitui o tema geral de minhas investigações”. (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p. 407). Com esse sentido dado por Foucault às suas argumentações, entendemos a relevância para nossa pesquisa, partindo do princípio que seu objetivo deve se identificar em como o corpo masculino é constituído em nossa cultura através do alimento medicalizado devido ao discurso científico hegemônico.

O biopoder foi um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo. Serviu para assegurar a inserção controlada dos corpos no aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos. Ele dá continuidade ao que Foucault chamava de “Biopolítica”, que era um conjunto de processos que visava controlar a população, o corpo social, com medições sobre a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução e fecundidade de

uma população, as causas de morbidade, ou seja, as endemias, catalogando e categorizando a forma, a natureza, a extensão, a duração, a intensidade das doenças reinantes na população.

Concomitante, apareceram instituições como a escola, o hospital, a fábrica, as prisões e o quartel que produzem e reproduzem a lógica biopolítica. Em seguida, no século XVIII, foi necessária uma nova adaptação do poder para enfrentar os fenômenos globais de população e os processos biológicos e sociológicos das massas humanas. São vários mecanismos disciplinares e mecanismos reguladores criados no sentido de controlar a sociedade e tais poderes cada vez mais se tornam sutis e disseminados na vida cotidiana.

A medicina, por seu turno, se estabelece como um saber/poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter feitos disciplinares e efeitos regulamentadores, gerando um aparato normativo que serve tanto para se controlar o corpo individual que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar, “é o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio”. (FOUCAULT, 2001, p. 145)

A medicina atual está em todo lugar e tem sempre uma palavra a dizer. Ela define as normas de saúde e dos comportamentos saudáveis e obriga os indivíduos a agir em conviência com essas normas. Tornou-se, para além da simples função terapêutica, uma das grandes atribuições do poder médico. A sociedade passa a se regular, a se ordenar, e a se condicionar, de acordo com as normas que são determinadas por processos médicos. Neste momento cabe ressaltar que nem tudo neste movimento da saúde hegemônica é prejudicial. Atentar para a possibilidade de homens estarem se cuidando é relevante, devido à negligência que encontramos em homens nos seus cuidados com a saúde.

O corpo humano está presente no mercado como força de trabalho adaptada ao aparelho produtivo, mas o corpo humano entra no mercado também como consumidor de saúde e a grande beneficiária deste processo é a indústria farmacêutica, à qual os próprios médicos estão submetidos. Os médicos passam a seguir as indicações, os estudos, as tecnologias desenvolvidas pela indústria, tornando-se os principais representantes e distribuidores dos seus produtos.

Foucault percebe que no capitalismo o modelo repressivo não é eficaz e se os mecanismos de dominação fossem exercidos apenas de forma violenta, não seriam

eficazes. Os mecanismos de poder se tornam mais sutis, naturais, “agradáveis e desejados”, tornando-se um produtor de saber, de conhecimento, criando efeitos de poder. E produzindo meios de controlar ideias, sentidos, conceitos e desejos. Reproduzindo a partir de micro poderes que se estendem sobre o social sem nenhum centro, criando mecanismos de dominação mais sutis, gerando normas eficazes, mecanismos disciplinares de controle e estratégias que garantem a dominação a partir dos próprios dominados, criando corpos dóceis, submissos e adestrados.

O autor denuncia que com a sociedade disciplinar, o corpo eleva sua força de utilidade para a sociedade e, principalmente, para o trabalho e diminui a força política e singular. (FOUCAULT, 2001). A ordem normativa não pretende reprimir, punir, proibir. Ela quer ser aceita e disseminada, quer convencer. Sua tática é, portanto, convencer racionalmente, se apresentar como uma escolha mais lúcida, racional, escolhida pelos indivíduos e não imposta a eles. E se antes o poder era repressivo e coercitivo, um imperativo social, hoje o poder é normativo, disciplinar, sutil e racional.

Segundo Foucault, a disciplina porta uma constante e perpétua técnica de vigilância devotada aos indivíduos, olhá-los a todo o tempo, se estão conforme as normas. (FOUCAULT, 2001). Podemos perceber essas estratégias de poder e de coerção sobre o corpo ao folhear as páginas da revista. Para nós, fica bastante claro como o discurso hegemônico da biomedicina aliado aos discursos da publicidade e do mercado transformam o corpo em uma matéria dócil, despolitizada, sem autonomia, totalmente envolvida por discursos e saberes, que o aprisionam nas tramas da submissão.

Os corpos são, cada vez mais, transformados em objetos a serem modelados pela indústria da estética, transformados em máquinas produtivas para atender aos ditames da moda e do mercado, mas totalmente afastados da interioridade, de uma sensibilidade mais humanizada e de uma forma de estar no mundo menos passiva. Os corpos da revista são corpos dóceis para o capitalismo, são máquinas de produção de sentidos que atendem ao mercado, mas submetem os seus donos à dominação da norma, da serialização e da falta de singularidade.

2 A APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO – AS CAPAS

A seguir apresentaremos as capas e as expressões mais frequentes com suas respectivas categorias. Podemos perceber como a revista, através da sua capa, transmite sua ideologia para alcançar seus objetivos e os autores que sustentam nossa análise. Após a apresentação geral das capas daremos início à análise do que foi apresentado.

Quadro 1 - MEN'S HEALTH agosto 2014

NARCISISMO	CORPO MÁQUINA	GUERRA\COMPETIÇÃO
Sarado \ estica \ sua vida \ se dê bem	Trincada\ shape\ potência\ resistência\ acelere	Proteja\ treino \ desafios\ conquista \ força \ forte\ ganho \ decifre
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Faça \ mudar \ vença \ perder \ decifre \ curtindo	Melhor \ especial \ fácil \ 2 em 1	Ponto V \ Carne é forte

Figura 1 - MEN'S HEALTH agosto 2014



Na capa observamos o homem no centro (todas as capas seguem esse padrão) como a maior imagem em destaque, rasgando a barreira entre ele e o leitor, com feição séria, pronto para luta com todos os músculos contraídos. Também

encontramos em todas as capas as chamadas: viver melhor é fácil, sempre acima do nome da revista e a bandeira do Brasil no canto superior direito. Nesta e nas próximas quatro edições percebemos a frase: eleita a melhor revista masculina do Brasil. Notamos a mulher em tamanho reduzido, também olhando para o leitor.

Chamamos atenção para as categorias do quadro acima, o apelo narcísico, a ideologia do corpo máquina, os incentivos de competição e guerra. O pensamento contemporâneo expresso nos discursos de rapidez, facilidade, *performance* e força, indicações que conotam o público como especial e melhor. Os verbos são tratados, na sua grande maioria, no imperativo. A comida está na maior parte das manchetes e reportagens como elemento básico e imprescindível para ser um homem MEN'S HEALTH : a carne é forte; vinho e saúde. A cor metálica remete a blindagem e a máquina.

Quadro 2 - MEN'S HEALTH setembro 2014

NARCISISMO	CORPO MÁQUINA	GUERRA\COMPETIÇÃO
A vaga é sua. \ Sua vida sexual. \ Mão esperta. \ Rei da academia \ Sua imagem.	Turbine \ Guia \ Esvaziar	Vaga \ Fuja \ Drible \ Detonam \ Resultados(2) \ Vencer \ Perder \
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Trabalho \ Enxugue	Melhor \ Ideal	Panceps \ Micos

Figura 2 - MEN'S HEALTH setembro 2014



Nesta capa chamamos atenção para a manchete especial: perda de peso comendo seis vezes ao dia. As ideologias narcísicas, do corpo máquina e guerra\competição estão reforçadas nas palavras que compõem a capa. Notamos que o grande vilão é a gordura, porém ela comparece de forma implícita. Na manchete “Mão esperta” encontramos a misoginia vendo a mulher como objeto passivo, sem singularidade e personalidade. O narcisismo ganha destaque com “O rei da academia”. A palavra turbinar, recorrente nas capas, indica algo que serve para aumentar a *performance*.

Quadro 3 - MEN'S HEALTH outubro 2014

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra\competição
Motivação \ Sarado \ Você \ A sua cabeça.\ Mais definido do mundo	Turbine \ Tanguê	Treino \ Táticas \ Fortes \ Vencer \ Combater \ Inimigos \ Briga \ Plano
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Perca \ Ganhe	Certo \ invisível	Telhado novo\ Gata

Figura 3 - MEN'S HEALTH outubro 2014



A frase, “Sarado para o verão”, carrega todo o ideal de leve, flexível e forte, do culto ao corpo, de forma fácil e indicando as partes corporais que devem ser trabalhadas. O apelo a competição e a guerra comparece em quase todas as frases. No “Especial saúde”, percebemos a saúde preconizada pelo modelo biomédico que fragmenta o corpo. Em “o tanque mais definido do mundo”, narcisismo e competição, dialogam para convencer o leitor da possibilidade de vencer a batalha e ser o ícone da barriga tanquinho.

Quadro 4 - MEN'S HEALTH novembro 2014

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Rejuvenesça \ Estilo \ Mandar bem	Turbine \ Guia	Bombar \ Proteja-se \ Treino
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Basta \ Evite \ Renove	Largos \ Perfeitos \ Especial	Gatas \ Costas em V

Figura 4 - MEN'S HEALTH novembro 2014



O vinho ganha *status* de rejuvenescer, pois o envelhecimento é um dos vilões dessa racionalidade biomédica. A manchete, “Especial verão”, indica uma vida abastada financeiramente e a possibilidade de fazer o que quiser sem risco para a saúde. “Dê um basta” indica que só depende de você, desde que cumpra as indicações da revista. O corpo restrito a partes como abdome, braços e peito.

Quadro 5 - MEN'S HEALTH dezembro 2014

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
O melhor sexo. \ Sussa	Pneus \ Solução \ Energia	Chances \ Treino \ Detone \ Planejar
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Perca \ Ganhe \ Ter \ Defina \ Levanta	Super \ Especial \ Melhor	Gata

Figura 5 - MEN'S HEALTH dezembro 2014



Os argumentos bélicos permanecem. O narcisismo continua como subjetivação “o melhor sexo da sua vida”. O ideal de verdade e facilidade no discurso “Damos a solução e o treino”. A economia apresenta a manchete especial. O corpo, como máquina, retratado pela energia (combustível) para o dia todo.

Quadro 5 - MEN'S HEALTH janeiro 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Melhor em tudo. \ Novo \ Estilo \ Sarado	Turbine \ Shape \ Forma \ Voar	Resultado \ Guia
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Segue \ Ficar	Melhor \ Fácil	Gatas

Figura 6 - MEN'S HEALTH janeiro 2015

VIVER MELHOR É FÁCIL

Men's Health

SEXO & CIA

GIOVANNA EWBANK E OUTRAS GATAS CONTAM COMO SER O MELHOR EM TUDO

5 RECEITAS FÁCEIS PARA TURBINAR O RESULTADO DA ACADEMIA

28 BERMUDAS, SHORTS E SUNGAS PARA UM VERAO COM ESTILO

FORTE NA ÁGUA EXERCÍCIOS NA PISCINA PARA GANHAR FOLEGO E MÚSCULOS

SEQUE 4 KG EM 1 MÊS!

PÔSTER GRÁTIS MENU + 2 TREINOS PARA FAZER EM QUALQUER LUGAR

ELESTROCAM O DIA PELA NOITE... E ainda conseguem malhar e ficar em forma

GUIA DA CORRIDA PLANOS PARA VOAR NOS 5K, 10K, 16K E 21K E FICAR SARADO!

ABRIL

NUMERO 005 • JANEIRO 2015

R\$ 5,50

EDIÇÃO 025 - ANO 9 - Nº 5 - JAN 2015

“Como ser o melhor em tudo”, mais uma vez articula o narcisismo e a competição. “Receitas fáceis para turbinar”, o corpo máquina e o alimento como um super alimento. A indicação de menu certo para alcançar a boa forma.

Quadro 7 - MEN'S HEALTH fevereiro 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Sua forma. \ Transe mais. \ Fortes	Shape	Sabotam \ Salvar
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Erros \ Definido \ Mudaram	Melhores \	Segue a barriga.

Figura 7 - MEN'S HEALTH fevereiro 2015

ERROS NO CARDÁPIO QUE SABOTAM SUA FORMA

Abri!

VIVER MELHOR É FÁCIL

Men's Health

COMO SALVAR SEU FIGADO EM 72H

BRACOS FORTES JÁ! PÔSTER GRATIS

PLANO DE 1 MÊS + MENU

OS MELHORES ROTEIROS PARA VIAJAR DE CARRO

SHAPE DEFINIDO

COMO ALIMENTAÇÃO + TREINO + DISCIPLINA MUDARAM A VIDA DE **Marcos Mion**

CORRIDA NA PRAIA
SEQUE A BARRIGA CURTINDO O VERÃO

SEXO

- ▶ TIRE A RELAÇÃO DA ROTINA
- ▶ COZINHE PARA ELA E... SEJA RECOMPENSADO
- ▶ MALHE E TRANSE MAIS

R\$ 15,00

“Erros no cardápio que sabotam sua forma”, o alimento como o possível vilão contra a boa forma. Menu para ter braços fortes. Alimentação como um dos recursos para mudar sua vida e ser recompensado com sexo. O fígado precisando ser salvo. Salva-se o órgão e não a pessoa.

Quadro 8 - MEN'S HEALTH março 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Sarado	Pneus \ Rápido	Detone \ Trilha
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Fique \ Seque \ Defina \ Ganhe	Melhor \ Fácil \ Boa	Detone calorias

Figura 8 - MEN'S HEALTH março 2015



Este exemplar é um dos poucos sem a figura feminina, porém a ideologia permanece nas frases. Menus que vão resolver para secar os pneus e aumentar os músculos. Detone calorias, indica guerra contra a vilã e sandubás que alimentam como o jantar.

Quadro 9 - MEN'S HEALTH abril 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Sarado	A mil \ Turbinar \ Equipamentos	Mapa \ Detone \ Treino \ Táticas
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Secam \ Perda \ Leve	Especial \ Melhor \ Fácil	Gata \ Mapa do corpo

Figura 9 - MEN'S HEALTH abril 2015



O alimento como combustível para o corpo máquina. Em sete manchetes, quatro falam de comida. Cardápio para emagrecer na boa, alimentos que turbinam os músculos. “Mapa do corpo dela”, retirando da mulher sua particularidade em relação ao seu corpo e formas de prazer.

Quadro 10 - MEN'S HEALTH maio 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Costas largas	Shape \ Turbine(2)\ Engrenar \ Tanque \ Trincar	Plano \ Treino \ Guia
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Ganhe \ Defina	Melhores	Shape em V \ Turbine sua saúde

Figura 10 - MEN'S HEALTH maio 2015



Neste mês apenas uma manchete traz a comida na frase. O suplemento que turbinha os músculos. Mas, certamente, nas reportagens no interior da revista figuram a dietética na maioria das reportagens.

Quadro 11 - MEN'S HEALTH junho 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Fera \ Seu sonho \ Se dê bem.	Velocidade	Tiro \ Apostar \ Táticas
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Invista \ Defina \ Queime \ Ganhe	Melhor \ Fácil	Com pegada de churrasco

Figura 11 - MEN'S HEALTH junho 2015



O apelo ao narcisismo ganha relevância, neste mês, em virar fera; seu sonho; se dê bem. A carne como comida forte de macho e a aposta nos orgânicos são os alimentos de destaque desta edição.

Quadro 12 - MEN'S HEALTH julho 2015

Narcisismo	Corpo máquina	Guerra \ competição
Mais forte \ Cara M H	Construa	Domine \ Detone \ Táticas
VERBOS	ADJETIVOS	METÁFORAS
Fique \ Secar \	Saudáveis \ Práticos	Transformou o shape

Figura 12 - MEN'S HEALTH julho 2015



“Menu para definir o abdome”; “Alimentos saudáveis e práticos” figuram na ideologia biomédica da alimentação saudável e de facilidade e rapidez. O discurso bélico “domine; detone; táticas; tanque”. “Construa seu corpo”, corpo máquina sempre precisando de reparo ou peça nova.

3 UM ESBOÇO DE ANÁLISE DO CORPO MASCULINO ACERCA DA ALIMENTAÇÃO NA CAPA DA REVISTA

A revista MEN'S HEALTH tem uma boa vendagem no mercado, cerca de 80 mil exemplares por mês e 294 mil leitores no Brasil. O seu público, dito pelo próprio editorial, é para homens heterossexuais. Ela chega ao consumidor brasileiro em maio de 2006 pela editora Abril, a maior do Brasil em vendagem, trazendo uma forma diferente de abordagem da masculinidade. Acompanha o movimento mundial, de que o homem deveria rever sua masculinidade, deixando de ser o "brucutu", homem grosso, sem cuidados estéticos e que não cuida de sua saúde.

Assim, seja por conta de ideologias que refletem mudanças do que vem a ser homem, seja pelo desejo de descobrir novos nichos no mercado de consumo, a mídia participa da discussão – e talvez da resignificação – do corpo e da mente do homem pós-moderno. (GOMES, 2008, p. 100).

Por muito tempo o homem foi negligenciado e negligenciou sua saúde, e o seu poder de consumo, para além do que já fazia parte do seu universo. Na atualidade, parece que estamos participando de uma nova configuração do que seria o masculino em épocas passadas, atingindo alguns segmentos do masculino, e não a todos os homens. (GOMES, 2008).

A revista tenta mapear a masculinidade em todas as suas variáveis, pois é dividida em seis seções: sexo, *fitness*, nutrição, saúde, cabeça de homem, estilo e cuidados pessoais. Analisar toda a revista para perceber as relações entre homem e seu corpo, a saúde e a nutrição, torna-se complexa para uma dissertação de mestrado, ficando para futuros trabalhos.

O *corpus* de estudo foram as capas de doze exemplares. São constituídas por uma grande quantidade de anúncios que acabam por preencher toda a composição gráfica. Anúncios espalhados que tentam chamar a atenção do consumidor. No centro de todas aparece um modelo ou uma personalidade da mídia, rodeado pelos anúncios. Em oito, vemos uma imagem de mulher no canto superior ou inferior, com menor, destaque na maioria em trajes de banho.

Os discursos com relação às mulheres são pejorativos e misóginos, denotando sempre como objeto para a satisfação do homem ou que ele tenha uma

performance sexual que ela não vai esquecer e querer sempre mais. Apaga-se também a singularidade do corpo e da personalidade de cada mulher através de discursos generalistas.

O corpo dos homens, que são destaque em todas as capas, não segue o padrão das revistas masculinas no mercado, pois estas têm como ênfase os corpos femininos expostos. Neste sentido, deduzimos que a presença das mulheres nas capas indica, como o próprio editorial da revista preconiza, que a revista se destina ao público heterossexual, portanto, este homem tem por objetivo seduzir, conquistar e dominar a mulher. Nesta estratégia o corpo sarado é a primeira moeda de troca e sua maior arma nas táticas de sedução.

Esses corpos inscrevem-se na ideologia vigente, que preconiza a boa forma. Dizemos 'forma', na medida em que temos um padrão único; corpos fortes, com músculos bem delimitados, contraídos e esculturais. O ícone da força, que sempre foi instituído para o masculino, continua e é, pelo que parece, a maior aposta ideológica da revista. "Assistimos a uma tendência de que a corporeidade ocupa lugar de destaque, o que faz com que o culto ao corpo seja produzido e reproduzido" (GOMES, 2008, p. 102).

O processo de estetização da vida vem invadindo o campo da saúde vertiginosamente, segundo Ferreira:

Os cuidados com o corpo e com a 'aparência' não são mais uma atividade frívola ou inocente, mera vaidade. Eles refletem tanto a produção social de sentidos e as formas de distinção social decorrentes do *habitus* do conjunto de atores e agentes da sociedade, como também espelham questões e conflitos oriundos do processo dinâmico dos profissionais do campo da saúde ou da medicina estética que, por sua vez, são influenciados por formas específicas do pensamento científico, e da mesma forma reproduzem um *habitus* de classe. (FERREIRA, 2011, p. 93).

No campo da saúde, encontramos como discurso hegemônico, o biomédico, que tem como uma de suas prerrogativas, o olhar para as partes e não para o todo. Aludimos anteriormente que a apreensão do corpo em suas partes indica uma fragmentação regressiva a momentos psíquicos que dificultam as relações intersubjetivas e consigo mesmo. Nesse sentido, deparamos com uma prática em saúde segregada e reducionista, que culmina no afastamento do contato humano em detrimento das biotecnociências.

O discurso biomédico perpassa toda a ideologia da revista, quando identificamos manchetes como: “Como salvar seu fígado” [fevereiro 2015]; “Seque os pneus e defina seu abdome” [março 2015]; “Respire direito, e turbine sua saúde” [maio 2015]. Essas frases vão ao encontro do modelo biomédico, pois colocam a saúde vinculada a apenas uma ação em uma parte do corpo.

Essa racionalidade percorre todo o tecido social, da ciência ao senso comum, de modo onipresente. Ela “concilia pedagogia, medicina, ética, estética, moral, economia e demagogia (FERREIRA, 2011). É reproduzido como coerente e comprovado cientificamente. Neste sentido, os modos de ver e viver a vida são ditados por essa ideologia, que agem na produção subjetiva do homem contemporâneo, fabricando gostos, sensações, hábitos e reforçam formas de agir, pensar, sentir e ser.

A maior evidência encontrada foi a retórica, que indica: seja você um homem MEN’S HEALTH. Como aparece na capa de julho de 2015: Cara MH. Bem como em uma das estratégias do conteúdo interno, onde pessoas comuns enviam suas fotos de antes e depois (como ocorre nas revistas para o público feminino).

Na história da construção social da masculinidade, outros pontos de destaque são o mito do homem protetor da humanidade, o herói, e a eterna prontidão para a guerra. Esses ideais são registrados pela mídia, e apresentam-se como a única forma de ser homem.

Desta forma, na revista vemos palavras como: detonar, táticas, treine, tanque, domine, proteja, conquista, vencer, perder, resultado entre outras. Portanto, Foucault ajuda-nos a pensar devido a seus conceitos de produção de subjetividade, biopoder, biopolítica e governamentalidade. O autor nos ensina a perceber que a própria constituição do campo da saúde é repleta de ideais de pureza, força e perfeição, normalizados e naturalizados.

Na pesquisa foucaultiana, do cuidado de si e técnicas de si, encontramos a erótica, a economia e a dietética. As três figuram como discursos centrais na produção subjetiva da revista em manchetes como: “28 dias de sexo” (MEN’S HEALTH, out. 2014); “8 posições para sexo a três” (MEN’S HEALTH, nov. 2014); “quanto custa casar? Manter um filho? Ter uma amante? ”; “gaste sem culpa e saiba planejar um futuro sussa” (MEN’S HEALTH, dez. 2014); “5 receitas fáceis para turbinar o resultado da academia” (MEN’S HEALTH, jan. 2015); “como alimentação + treino + disciplina mudaram a vida de Marcos Mion” (MEN’S HEALTH, fev. 2015).

Cabe ressaltar que todos esses conceitos são, por motivo de apresentação, separados, mas eles se articulam em uma trama na prática e na teoria. Quando Foucault trabalha a ideia de biopoder, pretende mostrar a passagem do poder soberano para o poder disciplinar. Esta passagem marca uma nova estratégia de poder que diminui sua atuação sobre quem deve viver ou morrer, e começa a promover sua intervenção na vida da comunidade e no indivíduo.

O poder, agora, apresenta-se ditando a melhor forma de viver, de amar, vestir, pensar, no intuito de normatizar e padronizar, não só, mas principalmente os corpos.

Na revista encontramos essa ideologia, pois percebemos o entendimento do que é saúde diretamente vinculado a um certo tipo de corpo, e, a partir deste corpo alcançado, tudo na vida será solucionado. No exemplar de setembro de 2014, essa assertiva encontra-se bem clara quando diz: “O rei da academia, dribla micos que detonam resultados (e sua imagem) na hora de malhar”. Nesta frase está contida quase que todas as nossas argumentações: como o rei tem o poder sobre os outros, encontrando o narcisismo na sua imagem; mundo dos esportes, com a palavra dribla; e a ideologia mais recorrente do militarismo, com detonam, e competitivo com resultados. Para manter toda essa estratégia da ideia do corpo como uma máquina, referido pelo conhecimento científico, que Foucault chamou de estratégias poder-saber, ratificado na vinculação dos discursos científicos com o ideal midiático.

Neste sentido, o alimento surge como o combustível necessário para a máquina produzir e consumir. O alimento nesta lógica é reduzido a mero recipiente de nutrientes que bem administrados levam a máquina aos resultados esperados. Com essa racionalidade tenta-se apagar todo o lugar social do alimento.

Os profissionais de saúde e a mídia utilizam essas recomendações para estabelecer um padrão de alimentação saudável idealizado para um indivíduo idealizado, materializado em um padrão legitimado socialmente. Enquanto a ciência e a tecnologia desenvolvem uma alimentação saudável baseada em preceitos laboratoriais e recomendações nutricionais, no imaginário simbólico construímos o desejo de um alimento capaz de fazer o ideal de saúde se tornar realidade na vida das pessoas, um alimento com poder de medicamento. Nessa perspectiva, o alimento aparece separado do contexto e das práticas cotidianas das pessoas, traduzindo em nutrientes que atendam a uma demanda fisiológica, por um lado e idealizada por outro. (KRAEMER, 2014, p. 1349).

A preocupação com a dietética, segundo Foucault, advém de uma regulação da prática relevante para a saúde, mais do que de uma terapêutica. Na base,

tínhamos que disciplinar os prazeres. O biopoder é descentralizado, ele não precisa da figura do rei. Sua organização ocorre com a própria pessoa sendo seu comandante e juiz, assim “mais que de uma mudança, devemos falar de uma intensificação da preocupação por si mesmo e pelo corpo”. (CASTRO, 2009).

A dietética cada vez mais ganha relevância nas estratégias da biopolítica atual, devido à intensificação da medicalização da vida. Foucault pensa a medicalização como produção de desejo e normatização social, já Peter Conrad, como o “processo de transformação de problemas anteriormente não considerados ‘médicos’ (ou ‘de saúde’ acrescentaríamos) em problemas médicos, usualmente sob a forma de transtornos ou doenças”. (CAMARGO JÚNIOR, 2013).

Frase como “Whey sem erro! Tire as dúvidas sobre o suplemento e turbine os músculos” (MEN’S HEALTH maio. 2015) conota que esse treino e alimentação, incentivados pelos discursos da revista, indicam algo para além dos componentes naturais dos alimentos e dos exercícios físicos. Neste sentido de forma disfarçada, podem indicar uma prática de uso dos anabolizantes que melhorariam a *performance*, porém traria prejuízos para a saúde.

Cabe ressaltar, que a nutrição perpassa toda a revista e tem uma parte de matérias só dela, em uma sessão específica em seu interior, mas não é pretensão deste trabalho toda essa análise. Em quase todas as dicas dadas, evidenciamos o alimento, seja como menu a ser seguido para alcançar o resultado esperado, seja como alimentos que resolveriam os problemas. “Menu duplo: perca peso e ganhe massa (MEN’S HEALTH, dez. 2014). “5 receitas fáceis para turbinar o resultado da academia”. (MEN’S HEALTH, jan. 2015). “Erros no cardápio que sabotam sua forma” (MEN’S HEALTH, fev. 2015). “24 sandubas que valem o jantar” (MEN’S HEALTH, mar. 2015). “Táticas e cardápios para emagrecer na boa” MEN’S HEALTH, (abr. 2015). “6 combinações de alimentos que turbinam os músculos” (MEN’S HEALTH, abr. 2015). “Whey sem erro! Tire as dúvidas sobre o suplemento e turbine os músculos” (MEN’S HEALTH, maio 2015). “A carne é forte. Costela e filé-mignon: coma e acelere seu ganho muscular” (MEN’S HEALTH, ago. 2014).

Com todas essas frases, não fica difícil perceber o grande valor que a dietética adquiriu nos dispositivos do biopoder e estratégias biopolíticas. A revista responde magistralmente a ideologia vigente. As frases carregam simbolicamente todos os ideais da época, como individualismo, hedonismo, facilidade e rapidez.

Também percebemos os conceitos trabalhados, como corpo máquina, narcisismo, competição e guerra.

Outro conceito que nos permitirá apreender essa intensificação é o cuidado de si, nele Foucault retoma a filosofia de Sócrates quando se refere ao cuidado pessoal em relação com a *polis* (cidade) grega, porém a partir do século XVIII, os cuidados e as técnicas de si voltaram-se para uma pedagogização do comportamento, conduta e modelos para viver.

As imagens do corpo masculino, estampados na MEN'S HEALTH, compactuam com o incentivo do ideal de corpos musculosos, semeando a estética masculina da rigidez e virilidade, que fica na esteira do que denominamos narcisismo. “Tais imagens podem se alinhar ao acirramento de um individualismo, em que cada um, por meio da autodisciplina, é responsável por redesenhar o corpo”. (GOMES, 2008).

Sabemos que o conceito de narcisismo é mais amplo que a ideia do individualismo, pois, narcisismo, para a psicanálise, é um conceito amplo e complexo, que indica uma ação de constituição psíquica, bem como condições de patologia. Pelo que parece, a mídia se apropria deste saber para utiliza-lo em benefício próprio. Objetivando vender e obter lucro, criando um nicho de mercado, através da publicidade reforçando o ideal da masculinidade hegemônica.

Para a psicanálise, é de extrema importância que o sujeito dirija sua libido para o seu ego, concomitantemente para seu corpo também (narcisismo primário), porém este movimento tem um tempo delimitado, até que o sujeito reconheça o outro e lance sua libido nas relações objetais (narcisismo secundário). Este movimento culmina na produção de um ideal de eu “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos”, que impulsiona o humano na busca de ideais às vezes inalcançáveis ou fantasiosos. (LAPLANCHE, 2001, p. 222).

No intuito de alargar as colocações, saímos do campo intrapsíquico para o sócio-cultural, (sabendo que na experimentação histórico-subjetiva essas dimensões estão totalmente entrelaçadas). O sociólogo e psicanalista Christopher Lasch ajuda-nos a entender o narcisismo na cultura, relatando a pobreza psíquica e relacional da atualidade.

Encontramos na MEN'S HEALTH a exagerada e exclusiva atenção ao corpo e um embotamento das relações interpessoais éticas. Quando elas mantêm a vinculação constante ao corpo como única forma de saúde e *status* social, promovem uma regressão psíquica a estados primitivos da mente, que acarretam defesas e angústias que afastam as pessoas do contato social, devido à fragilidade que sentem no encontro com as diferenças, ideia trabalhada por Freud em narcisismo das pequenas diferenças e no retorno ou ampliação do narcisismo primário.

A revista tenta esconder, mas com um olhar atento, percebemos a sutileza com que em sua ideologia aparece a inclusão de normas e a exclusão do que está à margem da norma. Os modelos das capas estudadas são de pele branca, bonitos e demonstram fazer parte da classe social abastada. As mulheres presentes funcionam como estímulos objetais para o prazer masculino, e em seu discurso encontramos a oposição ao que está fora dos padrões desejados. “Detone a gordura” (MEN'S HEALTH, jul. 2015). A gordura como o vilão a ser combatido. “O guia das férias perfeitas”. (MEN'S HEALTH, nov. 2014). Deparamos com dicas que apenas pessoas com poder aquisitivo conseguem desfrutar. “Leve a gata à loucura! (Damos o mapa do corpo dela) (MEN'S HEALTH, abr. 2015). Nesta frase evidenciamos que a experiência subjetiva e a singularidade corporal são apagadas devido ao mapa a ser seguido por todos e em todas.

Portanto, observamos a estreita relação entre a argumentação foucaultiana com a subjetivação exercida pela revista. Ela contém justamente os dispositivos pensados pelo autor, o corpo, a sexualidade, o saber, o capitalismo e a sociedade disciplinar normalizadora.

A sexualidade coloca-se como o objetivo maior para se fazer todas estas práticas almeçadas pelos discursos da revista. O apelo sexual (erótica) perpassa a maioria dos anúncios. Na leitura foucaultiana, a sexualidade é o dispositivo maior no sequestro dos corpos em sua materialidade de prazeres, sensações, energia e força. O autor percebe que os biopoderes atuaram primeiro na sexualidade, devido ao discurso de verdade que a ciência porta e o grande interesse despertado pelos prazeres do sexo. A revista traz sempre um especialista identificado pela profissão e instituição pertencente.

Neste sentido, a dietética como estratégia biopolítica incorpora a ideologia da masculinidade no intuito de produzir e ampliar suas possibilidades mercadológicas.

A carne é forte, indica a marca de virilidade e potência almejadas pelos homens. Seja o cara MH comendo esse menu e se exercitando, dedicando-se ao imaginário competitivo ancestral de disputa por território, por lutas e guerras; tendo como pano de fundo os sistemas de ideias que preconizam facilidade, rapidez e resultado dos discursos de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A singularização é um termo utilizado por Guattari para designar os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras possibilidades, outras sensibilidades, outra percepção etc.

Guattari chama a atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias, enfim, os desvios de toda espécie. Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular etc. (GUATTARI, 1999).

A construção de sentidos sobre o corpo masculino da revista MEN'S HEALTH incorpora todos os sentidos citados acima, o corpo é reificado, transformado em coisa, é tratado como objeto de culto e fetiche, uma mercadoria a ser exposta e consumida no mercado, é destituído de um valor singular, mas ao mesmo tempo é serializado, transformado em máquina de repetição da racionalidade instrumental que o capitalismo opera sobre os corpos tornando-os dóceis e úteis para o sistema.

A partir de tudo que foi exposto anteriormente, gostaríamos de discorrer sobre algumas considerações e também pensar em alguns caminhos diferentes para serem seguidos. Acompanhamos Michel Foucault, quando percebe que o corpo torna-se o objeto primordial da produção subjetiva no século XVIII.

O corpo ganha *status* de palco, onde as estratégias poder-saber exercem seus dispositivos, que “são por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições [...] é assim que Foucault chega a falar [...] de ‘dispositivos de poder’, de saber, disciplinares, de sexualidade etc.” (REVEL, 2005)

Resumindo, os biopoderes são múltiplos e estão no alicerce da constituição subjetiva. Neste sentido o corpo participa diretamente das identidades. Entramos na era de uma cultura somática (COSTA, 2004), o corpo transforma-se no espelho da alma, vira vitrine para apreciação do outro, bem como lugar de intervenções, devido às inquietas insatisfações das pessoas, culminando na cultura corporal; “ter-se tornado um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais” (COSTA, 2004). Segundo Jurandir, passamos a nos habituar a compreender e descrever através da materialidade do corporal a vida psíquica e as condutas éticas.

Neste mundo hipermoderno, veloz e líquido, no qual as pessoas perderam suas seguranças de tempos atrás, o corpo emerge como o norte, o sul, o leste e oeste da existência humana.

A revista MEN'S HEALTH ocupa lugar de destaque nesta ideologia. Utiliza-se de todos os dispositivos possíveis para atrair os consumidores, mantendo os ideais de masculinidade, mas ampliando a produção desejante. Encontramos também, conforme autor acima citado, "um complexo cultural com duas dimensões distintas: a moral do espetáculo e a moral do governo autônomo do corpo". (COSTA, 2004).

Estamos assistindo a uma nova hierarquização dos valores, carregados pela atuação do discurso midiático e científico. O autor relata que:

O lugar do universal, do incontestável, passou a ser ocupado pelo mito científico. A mitologia científica, e não a moda, vem substituindo as instituições tradicionais, na tarefa de propor recomendações morais de teor universal.

Entre os fabricantes de opinião, em especial a mídia, o mito científico encampou o direito intelectual de falar do lugar da verdade, provocando uma reviravolta no terreno dos valores. " (COSTA, 2004).

Essa formação midiática tem grande eficácia, pois na proposta capitalística do consumo para gerar lucro, a ciência ocupa o lugar, na contemporaneidade, da verdade a ser seguida pelo sujeito que associa consumo com felicidade.

Assim, o alimento surge como produto científico e medicalizado. O alimento certo que conseguirá resolver todos seus problemas. Portanto, para que se acredite nesta ideologia, os dispositivos de poder exercem suas seduções estratégicas, formando insaciáveis consumidores. Encontramos alimentos para macho, para aumentar os músculos, para melhorar um órgão do corpo ou para curar o corpo e a alma, porém nem sempre produzindo saúde.

Que os homens necessitam cuidar melhor da saúde é patente, mas como fazê-lo, foi a problematização de nossa dissertação. Cabe ressaltar, que a intensificação com os cuidados corporais não é totalmente negativa, pois o cuidado com o corpo deixa as pessoas mais atentas aos seus processos de saúde e doença quando atendido em sua totalidade biopsicossocial. Principalmente, com os homens que durante muito tempo negligenciaram e, de alguma forma, ainda negligenciam os cuidados com a saúde.

Porém a configuração de saúde que encontramos na revista não é, segundo pesquisamos, a melhor maneira de pensar a saúde dos homens, devido a subjetivação neste modelo hegemônico que limita o processo saúde doença.

REFERÊNCIAS

ARÁN, M.; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 129-147, 2007.

BARBOSA, M.R.; MATOS, P.M.; COSTA, M.E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BAUMAN, Z. **Vidas em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Desconstrução e subversão**. Belo Horizonte: Sapere Aude, 2013.

CAMARGO JÚNIOR, K. R. A biomedicina. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, Supl., p. 177-201, 2005.

_____. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 844-846, 2013.

CARVALHO, M. C. V. S.; LUZ, M. T.; PRADO, S. D. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. **Ciên. Saúde Coletiva**, v. 16, 1, p. 155-163, 2011.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONRAD, P. **The medicalization of society**. The Johns Hopkins Press, 2007.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DESCARTES, R. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DUARTE, J. F. Representação dos corpos masculinos na revista Men's Health. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 48, n. 3, p. 235-247, 2012.

FERREIRA, F. R. Algumas considerações acerca da Medicina Estética. **Ciê. Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 67-76, 2010.

_____. **Ciência, arte e cultura no corpo**: a construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas. Curitiba: CRV, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade. I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975/1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense; 2004a.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2004b.

_____. **Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos VII: arte, epistemologia, filosofia e história da medicina.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Segurança, território e população.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas.** Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24 v.

GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

GOMES, R. (Org.). **Saúde do homem em debate.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

KRAEMER, F. B. et al. O discurso sobre alimentação saudável como estratégia de biopoder. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1337-1359, 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo.** Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASH, C. **A cultura do narcisismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas: Papirus, 2013.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2013.

LIVIA, Barbosa. **Sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MACHADO, R. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENEZES, R. A. A medicalização da esperança: reflexões em torno da vida, saúde, doença e morte. **Amazôn. Rev. Antropol.**, v. 5, n. 2, p. 478-498, 2013.

MEN'S HEALTH. São Paulo: Abril, 2006-2015. Mensal.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciên. Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 515-526, 2006

NOSI, P. R.; CORREA, C. H. W. Discurso sobre uma masculinidade em mudança na revista Men's Health. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Nozi_masculinidade.pdf>.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, C. R.; RUSSO, J. A.; RODHEN, F. Uma nova pedagogia da sexualidade para homens: discursos midiáticos e suas reverberações. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 461-488, 2013.

RIBEIRO, C. R.; RUSSO, J. Negociando com os leitores: o "novo" e o "antigo" homem nos editoriais da revista Men's Health. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 477-511, 2014.

SAFATLE, V. **Fetichismo**: colonizar o outro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, L. A. S. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortes, 2010.

SAMPAIO, R. S.; GARCIA, C A. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 81-102, abr. 2010.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Ciên. Saúde Coletiva**, v. 8, n. 3, p. 691-701, 2003.

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006.

SENA, M. F. G. Representação discursiva das capas da Men's Health. **Revista Avepalavra**, n. 14, 2013. Disponível em: <<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/14/artigos/mellysena.pdf>>

SOARES, L. A. Discurso e representação masculina em peças publicitárias da revista Men's Health. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 1, p. 33-59, 2011.

WOORTMANN, K. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: TENSER, C. M. R.; ARAÚJO, W. M. C. (Org). **Gastronomia cortes e recortes**. v. 1. Brasília: Editora SENAC, 2006.